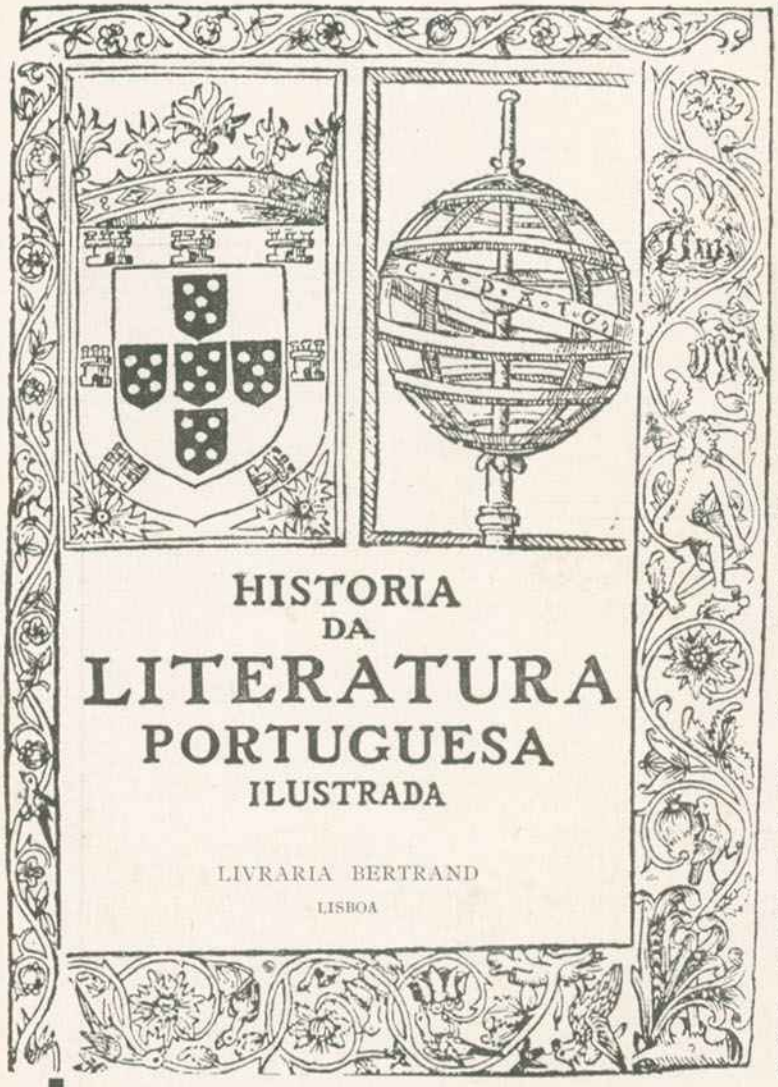
ILUSTRAÇAO

A CÉLEBRE ARTISTA DE CINEMA MARIAN MARSH

16 - Janeiro - 1932 N.º 2 — 7.º Ano Preço - 5 esc.



HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

A saír brevemente o XXXIII tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30$00	59$00	118$00

	REGISTADO		
ÁFRICA ORIENTAL, OCCIDENTAL E ESPANHA	34$50	67$00	132$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36$00	79$00	138$00
ESTRANGEIRO	37$00	72$00	142$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . 10$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Da Academia das Sciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Sciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Sciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da Rèpública.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Sciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Sciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Sciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil*.
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Sciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Sciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Sciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Sciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnologico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Sciências, professor de estudos camonеanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Sciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Sciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Sciências de Lisboa.
MOSES BENSABAT AMZALACK, da Academia das Sciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P M. LARANJO COELHO, da Academia das Sciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Sciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 × 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS, ÓTIMO PAPEL COUCHÉ, MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... ... ... 10$00

Está doente com Sezões?

Experimente o

FEBRICIL

Se tem amôr á vida, tome-o

Medicamento contra as Febres Palustres. — Não contem quinino. — Todos o podem tomar sem receio. — Tonico. — Reconstituinte. — Aperitivo.

Á venda nas principais Farmacias e Drogarias

Centos de testemunhos insuspeitos á disposição dos interessados que os queiram examinar

NA

COMPANHIA COMERCIAL DE QUIMICA INDUSTRIAL

Rua do Carmo, 15, 1.º — LISBOA

Telefone: 24380 — Telegramas: FEBRICIL — LISBOA

Economia doméstica

LIMPESA DE VIDRAÇAS

As vidraças podem-se limpar perfeitamente, empregando na lavagem água com um pouco de amoníaco. O resultado é muito superior ao do uso do sabão.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colonias	—	63$00	126$00
(Registada)	—	67$50	135$00
Brasil	—	66$00	132$00
(Registada)	—	75$00	150$00
Outros paises	—	75$00	150$00
(Registada)	—	84$00	168$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

O FAMÔSO CREME PARISIENSE

J. LESQUENDIEU

Veja este lindo rôsto de mulher, é tratado com a Reine des Crèmes Amanhã será o vosso Creme

REINE DES CRÈMES

A' venda em todas as boas casas de Portugal

Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C.ª L.ᵈ 100 rua Aurea Lisboa

Novidade Sensacional

Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!!

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), pentear com a cabeça ainda húmida, com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. *Fazer deslizar o pente atravez dos cabelos na posição indicada cêrca de 10 a 15 vezes, e assim se obtem uma linda ondulação para sempre.*

Exclusivo de venda: ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA M.me CAMPOS Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

Preço Esc. 15$00

Depois das Compras

subsiste talvez uma leve sensação de cançaso, ou mesmo, tendencia para dores de cabeça. Para afastar a fadiga e restaurar o seu bem estar beba uma chavena d'esse nectar que refresca, estimula e delicia.

CHÁ HORNIMAN

Sómente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.

CERESIT

(LEGITIMO W. B. W. ALEMANHA)

Unico hidrofugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucr.

GALERIA DE PARIS, 42. — PORTO

Depositarios em Lisboa: S. RAMOS LDA. — Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

BOLACHAS

A GRANDE
MARCA
PORTUGUESA
Variadas e saborosissimas qualidades
UM UNICO FABRICO
O MELHOR
NACIONAL

Beleza e juventude

se intentam conseguir por muitos meios, mas raras vezes se ataca o mal pela raiz. As dôres de todas as especies, as de cabeça, enxaquecas, nevralgias e incomodos mensaes das Senhoras vão fazendo os seus estragos. Uma ruga atraz d' outra se vão gravando no rosto, os olhos perdem o seu brilho, posto que cada sofrimento produz ao mesmo tempo uma depressão de animo.

Tenhamos, pois, o cuidado de ter á mão a

CAFIASPIRINA

que não só afugenta as dôres, como possue tambem a acção reanimadora e estimulante da cafeina, obtendo-se com ela o bem estar e a satisfação que ajudam V. Exa. a conseguir a beleza e a juventude.

Tome, pois, Cafiaspirina.

BAYER

Não afecta o coração nem os rins.

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani* e *Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, **7$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

GRATIS

V. Ex.ª quererá este livro de cozinha

E' mais alguma coisa do que uma colecção de receitas deliciosas. Ensiná-la-á a fazer os seus pratos favoritos mais saborosos e apetitosos com Maizena Duryea, um dos grandes alimentos naturais, que dá força, energia e promove boa saude.

Peça um exemplar GRATIS. Preencha e envie o coupon abaixo

MAIZENA DURYEA

CARLOS DE SÁ PEREIRA, L.DA — Rua dos Sapateiros, 115, 2.º — LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

ZIG-ZAG

marca mundial

O unico papel de fumar que não afecta a garganta

— Peçam tabelas aos seus Agentes Gerais em Portugal —

CASA HAVANEZA

24, Chiado, 25 — Lisboa

GRAÇA E ESBELTEZA

Elegância e harmonia dos movimentos
Frescura e macieza da epiderme
Encanto e vigor da juventude
É o sonho de toda a mulher moderna

que ela realisa sem tratamento fastidioso, sem incomodo, sem perda de tempo, com asseio e com pouca despeza por

" SUDOREX "

aparelho portatil de BANHOS DE VAPOR EM CASA

" SUDOREX "

será para as senhoras o complemento indispensavel da sua cura de beleza. Desembaraçando-as de gordura inutil, suprimirá todas as indisposições.

ABSOLUTAMENTE INFALIVEL EM TODOS OS CASOS DE OBESIDADE

Reumatismos, artritismos, gôta, sciatica, nevralgias, rins, figado, intestinos, etc.

MÉTODO das BELEZAS ANTIGAS

THERMAS

MÉTODO das ELEGANTES MODERNAS

SUDOREX

À VENDA em todas as FARMACIAS E GRANDES ARMAZENS

SUDOREX

102 Rue de La Boetie — PARIS (8)

Brochura n.o **507** gratis por pedidos

SUDOREX BANHOS DE VAPOR

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND, LTD.ª, RUA GARRETT, 73 E 75 — LISBOA

N.º 2 — 7.º ANO

16 - JANEIRO - 1932

A ARMADURA DO REI D. SEBASTIÃO

Há nos museus de Espanha muitas preciosidades que directamente interessam a Portugal e aos portugueses. Uma delas — quási desconhecida entre nós — é a armadura que pertenceu ao rei D. Sebastião, e que se encontra na Armería de Madrid.

A célebre Armeria, museu rico de evocações para quem possua o culto do passado, está instalada numa vasta galeria anexa ao Palácio do Oriente e contém, nas suas opulentas colecções, entre outras espécies preciosas — tapeçarias, armas, a liteira de viágem de Carlos V, a tenda real de Francisco I tomada na batalha de Pavia, troféus das Navas, de Muhlberg, de Lepanto, de Oran — algumas dezenas de arnezes de parada e de combate dos séculos XIV a XVII, cujo estudo pode considerar-se fundamental para a história da cavalaria. Alguns dêsses arnezes, cujo aço polido refulge, armados em manequins sôbre cavalos defendidos pelas peças das bardas (armaduras próprias do cavalo) e cobertos de gualdrapas e caparazões armoriados, conseguem, na penumbra doirada da extensa galeria, dar-nos a impressão duma vanguarda de batalha, lampejante de armas, faúlhante de lanças, colorida de escudos heráldicos, hirsuta de bandeiras e de gonfalões, caminhando ao encontro do inimigo. Outros arnezes, para combates ou justas a pé, estão vestidos em manequins simples; e determinadas armaduras, especialmente notáveis pela ornamentação das suas peças, pela delicadeza do seu trabalho de cinzel, pela opulência dos seus damasquinados, das suas tauxias, da sua gravura a água-forte sôbre fundo de oiro — maravilhas de Colman Helmschmied, de Bartolomeu Campi, de Jorge Sigman, de Segismundo Wolf, de Pompeu della Chiesa, príncipes da armaria de Augsburgo, de Landshut, de Milão — encontram-se recolhidas em vitrinas, como gigantescas jóias de aço, para que a humidade não lhes prejudique a finura do pavonado, a graça da gravura ou o oiro fino da cravação. Uma dessas armaduras — talvez, sob o ponto de vista artístico, a mais rica de tôda a colecção da Armeria — é o arnez de parada pertencente ao rei D. Sebastião de Portugal.

Retrato de D. Sebastião, por Cristóvão de Morais (Museu de Arte Antiga, de Lisboa)

Fêz-me pena, confesso, ver num museu estrangeiro essa peça admirável que foi nossa, que vestiu o corpo robusto e elegante do nosso último rei cavaleiro, e que, pelas vicissitudes da dominação espanhola — de tão tristes recordações — foi parar à sumptuosa colecção de arnezes de Filipe II. Tem-se querido contestar, em Espanha, que esta armadura houvesse pertencido a D. Sebastião. Semelhante contestação não me parece legítima. Um exame sumário da decoração e, sobretudo, da cravação do arnez A 290 (é o seu número de catálogo) mostra-nos, desde logo, que êle foi trabalhado com destino a um príncipe português de estirpe hispano-austríaca. Alguns dos roblões estampados e doirados têm, bem visível, a esfera armilar; outros, a cruz de Aviz; outros, ainda, o escudo completo de Portugal; e, em determinados pontos da decoração — designadamente nos coxotes — vê-se a águia bicípite da casa de Áustria. No terceiro quartel do século XVI, e na data em que o lavrou o grande armeiro de Augsburgo, Gastão Peffenhauser, só havia um príncipe na Europa que pudesse ter encomendado semelhante arnez: D. Sebastião. Como foi essa relíquia veneranda para Espanha? Nos inventários das armarías reais, existentes no arquivo de Simancas, não se lhe fêz qualquer referência, o que tem dado lugar a interpretações e a conjecturas absurdas. O catálogo da Armería, de 1849, diz que a bela armadura a que me refiro foi oferecida a Filipe II pelo rei D. Manuel de Portugal; simplesmente, o rei D. Manuel morreu seis anos antes de Filipe II nascer. No último catálogo, o seu autor, conde de Valência de Don Juan, afirma que o arnez per-

tenceu a D. Sebastião, *«cuya ilustre madre, la princesa D. Juana, debió transportarlo a España después de la catastrofe de Alcazerquivir»*; acontece, porém, que a princesa, cujo filho nasceu póstumo (o marido, o malogrado príncipe D. João, morreu aos 17 anos, de um dêsses terríveis ataques de diabetes dos adolescentes nevropáticos), partiu para Espanha logo que D. Sebastião nasceu, e nunca mais voltou a Portugal. A verdade é tão simples, que não vale a pena dizer coisas insensatas para ocultá-la. A armadura — é evidente — foi levada ou mandada para Espanha por Filipe II, quando o «homem negro do Escorial» aqui esteve a completar e a legalizar a usurpação. À colecção notável de arnezes do pai, Carlos V — um dos quais é aquele com que Ticiano o retratou num quadro célebre —; ao seu próprio guarda-roupa de aço, em que se contavam já o arnez *«de las lacerias»*, de Desidério Colman, o «das flores», que foi reproduzido por Rubens num belo retrato do rei, o do armeiro bávaro Segismundo Wolf, e o «das aspas e cruzes de Borgonha», Filipe II, coleccionador pertinaz, juntou a armadura de parada de D. Sebastião, que encontrou no paço da Ribeira, fazendo-a transportar clandestinamente para Madrid e tendo o cuidado de não deixar, no inventário hoje existente em Simancas, a mais ligeira indicação quanto à proveniência dessa jóia incomparável da armaria alemã, trabalhada talvez — a acreditar na informação de Altenech — sôbre desenhos originais expressamente feitos pelo ilustre Hans Miclich, de Munich. Quem se apossou violentamente de um povo, que escrúpulo poderia ter em se apossar duma simples armadura?

O arnez de parada de D. Sebastião compõe-se de dezaseis peças de aço pavonadas de negro, sem outra ornamentação de oiro além da cravação, e com magistrais cinzeladuras nas peças largas e, especialmente, na borguinhota, nas espaldeiras, no peitoral, nas joelheiras e nos codrais. A borguinhota, das chamadas «de infante», com viseira fixa e largos jugulares, foi forjada de uma só peça e cobrem-na figuras soberbamente relevadas a martelo, cavalos marinhos, tritões, nereidas, guerreiros (um dêles, sôbre um elefante, tem as armas de Portugal), Hércules, Diana, Neptuno, Anfitrite, e, nos jugulares, as imágens da Justiça e da Fortaleza. As espaldeiras, onde se encontram representadas, com uma surpreendente finura de cinzel, as figuras alegóricas do Poderio universal, da Vitória, da Navegação e da Paz, são uma maravilha. Na banda central da couraça vêem-se Jupiter, Minerva e Hércules menino brincando com a serpente; nos codrais — peças riquíssimas — as Virtudes; nos coxotes de lâminas, flexìvelmente articulados, a águia de duas cabeças dos Habsburgos, a recordar-nos que D. Sebastião era filho, neto e bisneto de princesas da casa de Áustria. O conjunto, digno da armadura de parada de um rei que sonhou um grande império, apresenta-se duma nobreza, duma harmonia, duma sumptuosidade incomparáveis. O príncipe que a vestiu para os torneios, para as justas, para os *champs de drap d'or*, para a ostentação dos préstitos reais, devia sentir-se bem na magestade dêsse trajo de ferro onde resplandece a alma voluptuosamente pagã da Renascença. Era dentro dêsse arnez, se êle fôsse um arnez de combate (mortalha verdadeiramente real para quem com tanta bravura e tanta elegância soube morrer!) que D. Sebastião devia ter sucumbido em Alcácer-Kibir. Diante dessa couraça, que sentiu palpitar um dos mais nobres corações de Portugal; diante dêsses braçais, dêsses coxotes, dessas grevas onde se retesou a musculatura dum príncipe que foi a última flôr da cavalaria portuguesa; diante dêsse elmo, que abrigou o pensamento de um dos maiores impérios do mundo, — não há português algum que não se sinta comovido e não tire, respeitosamente, o seu chapéu.

Armadura de D. Sebastião (Armeria de Madrid)

Há tempo — ainda havia monarquia em Espanha — correu que Afonso XIII, querendo significar os seus sentimentos de afecto pelo nosso país, prometera restituir-nos a armadura de D. Sebastião. Mas em breve se produziu, nos jornais de Madrid, um desmentido formal. O arnez do nosso último rei cavaleiro ficará na Armería de Madrid. Resta-nos, ao menos, a consolação de que o oratório e a Bíblia abandonados pelo rei de Castela na fuga de Aljubarrota — ainda estão em Portugal.

Júlio Dantas.

OS PRESEPIOS DE LISBOA

E O FINO INSTINTO DE MACHADO DE CASTRO

O GRANDE PRESÉPIO DA SÉ DE LISBOA

AGORA que vão passados os Reis, essa festividade que, mais do que em Lisboa, na província se celebra regaladamente, não com o bôlo sêco e adusto que os confeiteiros deram em chamar parvamente *Nacional*, mas com ritos graciosos e comidas pantagruélicas, vem a pique arquivar nestas páginas alguns documentos gráficos pouco conhecidos e falar com carinho e admiração dum artista português, Machado de Castro, que, como escultor foi notável, no seu tempo, entre os mais notáveis, mas que, como imaginário, foi, pode dizer-se, inegualável, porque não há presépios mais extraordinários do que os de sua lavra.

Retratar aqui, pela biografia ou pela estampa, o insigne artista português que, só agora, os mais artísticos estrangeiros começam, preguiçosamente, a descobrir, seria tarefa inútil e improfícua. São as biografias estafadas relações de feitos adjectivados banalmente, séries de lugares-comuns e amontoados de datas; totalmente despidas de vibração, frias e desagradáveis como vão de escadas em que se amontoem trastes velhos e poeirentos. Por outro lado, rara vez a cara diz o que é o homem e fazer repintar aqui um insignificante senhor, de casaca de seda e peruca empoada, tão ché-ché como todos os senhores velhos da época, seria tão estulto e grotesco como grotesco será o intento de representar o sr. Marquês de Pombal, no alto da Avenida, com um leão à trela e mascarado também com o insignificante físico que Deus lhe deu. Assim como o maior monumento ao grande Marquês é o Terreiro do Paço, a praça gigante e bela onde, aos pés do seu rei, está o genial reconstrutor de Lisboa, também a melhor memória do nome de Machado de Castro, autor, por sinal, do monumento formosíssimo a D. José I, é a divulgação das obras que, desgraçadamente, são quási ignoradas, pelo excessivo recato em que estão, arbitràriamente custodiadas por guardiões de igreja que não por funcionários do museu nacional. E queremos referir-nos aos dois extraordinários presépios de Lisboa; o da Sé Catedral e da Basílica da Estrêla, duas obras geniais da imaginária religiosa portuguesa do século XVIII.

* * *

O século XVIII, em Portugal, foi a época do *snobismo* religioso. Neste século se edificaram as mais sumptuosas basílicas e igrejas, neste século se ergueram o convento de Mafra e a basílica da Estrêla, neste século faustuoso se decoraram igrejas e capelas de maneira perdulária. As manifestações exteriores do culto católico levaram-se a um exagêro que roçava o mais desenfreado paganismo.

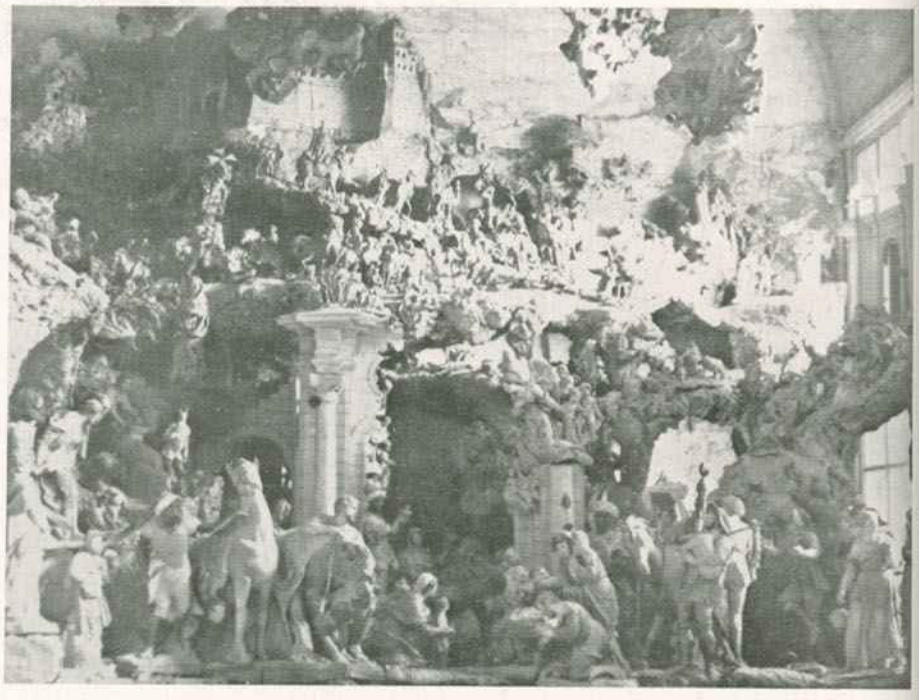
O oiro do Brasil, os diamantes, os rubis, as limónites e crisólites dessa terra de lendas perturbantes e capitosas, foram a própria corrupção, em caudais,

FORMOSA CENA DE OFERENDA AO DEUS-MENINO, NO PRESÉPIO DA SÉ DE LISBOA

trazendo consigo a preguiça, o orgulho desmedido, os vícios, tudo destruindo e aniquilando, até a grandeza ascética e severa da nação logo transformada em mesquinha, se bem que ricaça, festa eterna de sacristia. E por isso, neste século não religioso mas fanático, não crente mas fanático, freirático e ignorante e sujo, a altura artística muito raras vezes resiste à inferioridade inerente à preocupação da excessiva riqueza, substituindo a beleza sôbre a elegância pura das formas serenas.

Entretanto, alguma coisa resistiu à relaxação artística ambiente e conserva a sua beleza espontânea, cheia de um magnífico nacionalismo tradicional, êsse robusto e forte carácter que tem tudo aquilo que é de orígem nìtidamente popular; os presépios escultóricos que se encontram em muitos dos grandes templos da época, em muitas das paróquias rurais e até, como adição e embelezo, em grandes templos gótico-romanos de Portugal. E entre os magníficos presépios espalhados pelas igrejas do país destacam-se, a grande distância dos demais, os que se devem à arte maravilhosa de Machado de Castro.

Ainda que êste artista viva numa roda de admiradores aristocratas, ainda que proceda a sua arte da mais pura escola italiana, nêle não desaparece nunca alguma coisa de especial que toca o génio dos imaginários e entalhadores plebeus; um profundo sentido popular, verdadeiramente típico e de um extraordinário pitoresco que as nossas gravuras sobradamente atestam.



O PRESÉPIO GIGANTESCO DA BASÍLICA DA ESTRÊLA

Por exemplo, no presépio da Sé, possìvelmente o melhor e mais belo dos que citamos, ainda que as figuras da Vírgem e de São José, todo o retábulo de anjos que sobrepuja o berço do Menino, alguma que outra figura (principalmente um velho semi-nú que oferece uma melancia) sejam de pura escultura italiana, e de uma modelação genial dentro do seu academismo, os grupos secundários são de um carácter popular acentuadíssimo e traduzem, em conjunto, uma alegria, uma espontaneidade jovial, um tipismo muito português por muito próprio e exclusivo de todos os povos cristãos da beira mar.

O episódio hierático e solene da adoração dos Reis Magos não preocupou o grande artista. Machado de Castro coloca Melchior, Gaspar e Baltasar nos últimos planos da romaria que, estendida em clássica *bicha*, vem ao estábulo de Belém. E em redor do Menino, em primeiro e segundo plano, o povo, magnífico de côr, de movimento, de alegria, gaiteiros e mendigos, lavradores e gaiatos, *lazarilhos* de cego, monstros da pedincha, bêbados e ricaços de aldeia a cavalo nas suas nédias mulas, um pobre de pedir, outro humilde com seu cordeirinho tenro, outro mais que traz uma melancia rubra, sumarenta, como presente grato à modéstia do sacratíssimo recem-nado. E êste espectáculo inédito e de uma grande ousadia na época hipócrita e farisaica em que foi esculpido, é, afinal, nas suas características de cristianismo primitivo, alegre e simples, matizado de garrulas côres, um bailado perene, ao som de tambores e gaitas, sanfonas e cá-

UM GRUPO ENCANTADOR DE SINGELEZA E GRAÇA PASTORIL NO PRESÉPIO DA BASÍLICA DA ESTRÊLA.

FORMOSO GRUPO DE BARRO POLICROMADO, DA AUTORIA DE MACHADO DE CASTRO: SANTA ANA ENSINANDO A LER NOSSA-SENHORA (DA COLECÇÃO DO SR. DR. JOÃO LUÍZ DA FONSECA)

vaquinhos, uma obra de intenso sabor português, em que late avassaladora, gritante de bizarria, a profunda emoção popular, a alma dêsse povo bom, grande e magnífico que nem os séculos têm conseguido aniquilar em suas virtudes.

O presépio da Basílica da Estrêla, exposto ao público dois ou três dias em cada ano e que, nos dias restantes, é guardado com uma avareza indignante, num país em que tanto é preciso divulgar, para educar, as grandes obras de arte, é um presépio de maiores dimensões que o da Sé, com figuras de primeiro plano que atingem quási o tamanho natural, mas a composição já não é tão original como a do presépio da Sé. Os Reis estão junto do menino, mas, e aqui há o dedo do mesmo artista rebelde, estão democràticamente misturados, acotovelando-se, com pastores e mu-

UMA FIGURA DE PASTOR DO PRESÉPIO DA BASÍLICA DA ESTRÊLA, VERDADEIRA OBRA-PRIMA DA ESCULTURA DA ÉPOCA

lheres do povo. E é ainda entre os tipos populares que o escultor foi mais feliz na reprodução. Há pastores esculpidos com verdade tão genial que melhor se não encontra nesta época em nenhuma escola de escultura do mundo, que melhor não fêz nenhum dos grandes mestres mundiais.

E o conjunto, mais do que conjunto de inanimadas marionetas, parece um grande quadro vibrante de vida, como se, em vez de olharmos um presépio de barro sob as vistas de um sacristão resmungão e áspero, estivéssemos presenciando um grande auto sacramental, numa aldeia perdida, ingénua e dôce, em que as pessoas do quadro fôssem labregos puros e bons movidos pelo génio de algum Max Reinhardt nascido em Portugal.

João de Sousa Fonseca.

(Fotos de João Martins)

Entre a T. S. F. e a R. A. P.

Naquele serão de família veio a falar-se de um assunto que faz agora grande barulho e não deixa falar em mais nada, se é que dá licença que nêle mesmo se fale: a T. S. F. Não é assunto para se falar, mas só para se ouvir, ou antes: para agüentar e calar. No entanto, quási tôdas as pessoas presentes àquele serão familiar foram apresentando as opiniões respectivas em voz muito alta, não porque estivessem zangadas, mas porque no andar de baixo, e no de cima, e no prédio da direita, e no da esquerda, e no da frente, e por sinal também no das traseiras, as Ondas Sonoras, soberanas, convergentes, pertinazes, incaláveis, afogavam em ruído tôda a possibilidade de conversação pacata e reponsada.

D. Maria das Neves, *cincoenta anos, bandós brancos* — Há casos horríveis, de estar uma pobre criatura a morrer e os vizinhos a tocarem sem interrupção a T. S. F., indiferentes à aflição e até aos pedidos dos desgraçados parentes. Outras vezes, são doentes em perigo, para quem silêncio e repouso seriam a salvação e que assim acabam mais depressa. Há gente maníaca, entretida com o barulho desde pela manhã até à noite. E parece que isto é só cá, pois ouvi dizer que em Paris um cidadão qualquer foi para os tribunais e venceu, alegando que a T. S. F. violava o seu domicílio.

O sr. Manuel de Almeida, *homem muito explicado e viajado* — Não tenha dúvida, minha senhora. Nos Estados-Unidos é que se fabricam quási todos êsses aparelhos, tão nocivos ao trabalho intelectual, que exige concentração e sossêgo. Pois eu, que ainda últimamente estive em Nova-York, lá vi que nem sequer é lícito às lojas que os vendem pô-los em funcionamento ruidoso para os mostrar aos seus frègueses. Em tôdas as ruas encontrei afixados cartazes onde se lê o seguinte: «*Menos ruído na nossa vizinhança! Façamos desta um lugar mais agradável e mais tranqüilo para se viver e trabalhar. Já suprimimos as audições dos nossos aparelhos fora do estabelecimento, porque isso agora é contra a lei. Se deseja ouvir as nossas Rádios, faça-nos o obséquio de entrar*». E note-se que êsses cartazes foram afixados por iniciativa das autoridades, como nêles mesmos pode ler-se: *Afixado a pedido da Comissão de Atenuamento dos Ruídos Urbanos, Repartição de Saúde da cidade de Nova-York...*

O doutor Parreira, *esperto velhote sarcástico* — Nós também temos serviços de Saúde, muito bem organizados no *Diário do Govêrno*, e temos até uma lei fundamental onde se lê, como na de França, que o domicílio do cidadão é inviolável. Temos tudo isso no papel; na realidade podemos adoecer-nos uns aos outros à vontadinha e as nossas pobres casas são violadíssimas a tôda a hora pela barulheira sem fio e sem fim. Impingem-nos música que não encomendámos nem queremos e que, por isso mesmo, deixa de ser música e passa à categoria de tormento. O nosso vizinho, o nosso próximo (Deus o leve para longe!...) não se contenta com ouvir êle só, mai-la família, a inferneira que o delicia: exige que nos deliciemos também, às horas que êle próprio marca, isto é:

Menos ruído na nossa vizinhança...

a tôdas as horas. Para isso aumenta e engrossa o som da sua maquineta quanto pode, absolutamente superior às conveniências, necessidades, aflições, doenças ou desgraças dos outros...

Dona Aldonça, *nome antigo de uma senhora moderna que «evoluiu», e é cubista em arte, bolchevista em política e nudista em moral* — Os senhores são fósseis. A T. S. F. é a maravilha do nosso tempo, leva aos pobres e aos entrèvados as belezas da música de Ravel, Stravinski e Plapitorronstipitikoff, democratiza a grande arte, educa os costumes e o gôsto, e até serve a moral arcaica, mantendo em casa entretidos os maridos e os filhos, que de outro modo se extraviariam nos lugares de perdição.

O jóvem Ramiro, *que a sabe tôda, falando ao ouvido da sua prima Estela Borges* — Esta Dona Aldonça, com todos os seus ademanes modernistas, é a mai fóssil de todos nós, porque tem um ma rido mais bonito do que ela, e faz quant pode para o guardar só para si.

Estela Borges — O marido é aquel que está sentado ao pé do dr. Parreira

O jóvem Ramiro — Isso sim!... O ma rido ficou em casa, a dar à tarracha. Dona Aldonça, antes de descobrir a nov maravilha, experimentou todos os diver timentos caseiros para o prender fòssi mente ao domicílio conjugal; mas tev de desistir, porque o homenzinho é com pletamente imbecil; não sabe ler, nem escrever, nem conversar, nem jogar a cartas, nem juntar estampilhas. É dos qu dizem, como o herói de Courteline: «E cá não penso quási nunca, e quando pens só penso em coisa nenhuma, porque pen sar em alguma coisa fatiga o cérebro...

Estela — ¿Que é que êle faz então?

O jóvem Ramiro — Faz o que pode coitado. Tem um lugar oficial que u dos pais lhe arranjou...

Estela — Então ¿quantos pais te êle?!

O jóvem Ramiro — Número mal aver guado. Certo é que um dêles é o Estado que lhe paga seis contos por mês, para êl poder passar dias e noites a procurar n aparelho sem fio, comprado pela mulher todos os barulhos que andam pelas núvens ainda mais idiotas do que êle. Quando onde lhe traz Beethoven ou Bach, êl muda logo para as borracheiras que está ao alcance do seu entendimento — e é a ist que Dona Aldonça chama «a democrati zação da Grande Arte». Nas horas mort da T. S. F. o alto funcionário está ao col da sua dactilógrafa, enquanto a espôs «evoluída» imagina que o tem na mão.

D. Maria das Neves, *para Dona Al donça* — Eu não sou inimiga do Pr gresso, mas entendo que êle devia s equitativo. O Progresso deu a V. Ex a T. S. F. Parecia-me justo que êle m desse a mim a S. S. F.

Dona Aldonça — E ¿a que cham V. Ex.ª S. S. F.?

D. Maria das Neves — É a Surdez Sem Fio — uma coisa de nada: um aparelhoz nho que me permitisse não ouvir patavi daquilo que V. Ex.ª escuta embevecid

O jóvem Ramiro — Eu espero melh do que isso para muito breve. Tôdas a minhas esperanças estão postas na fu tura R. A. P.

Dona Aldonça — E ¿que significa essas iniciais misteriosas?

O jóvem Ramiro — Minha senhora A R. A. P. será o antídoto da T. S. F E aquelas três letras querem dizer ap nas: *Rádios a partam!*

Agostinho de Campos.

Na Rússia Soviética

O que um engenheiro conseguiu vêr e ouvir e que tantos procuram ocultar

II

No artigo que precedeu êste, iniciou a Ilustração *o interessantíssimo relato de um engenheiro alemão acêrca do que, na verdade, últimamente se vê e ouve na Rússia dos Sovietes.*

As curiosas revelações dêsse engenheiro devem ter surpreendido os nossos leitores por não constituïrem, afinal, resultado de uma reportagem especial mas, pelo contrário, nos terem sido feitas por alguém que teve ocasião e tempo de sobêjo para avaliar, verdadeiramente, de tôdas as circunstâncias político-económicas da Rússia actual.

Neste segundo artigo focam-se cenas interessantíssimas da campanha contra os Kulakas, *do poder despótico e fantástico da G. P. U. e é o leitor convidado a deitar um olhar indiscreto para trás dos verdadeiros bastidores do célebre* plano dos cinco anos.

Mais uma vez se vai saber como os sovietes exploram a credulidade do seu povo...

O meu amigo Misha trabalha com outros aldeões no amanho das terras.

Certa manhã, em que me lobrigou perto dêle, veio ao meu encontro e quis saber:

— Tu, engenheiro, também és comunista?

Digo-lhe que não e, como por encanto, ao bom do Misha solta-se-lhe a língua e começa a falar com uma tal verbosidade que eu tenho de reconhecer que há no seu íntimo qualquer coisa, qualquer confidência, que êle necessita, forçosamente, de desabafar. Mas não é só êle... Decorridos minutos, formou-se um grupo de cêrca de vinte trabalhadores rurais em nossa volta que escutam com interêsse, e aprovam com significativos menêios das suas cabeças, as palavras do outro.

E Misha relata-me como, terminada a guerra que o fizera prisioneiro dos alemães, voltou para a sua terra, porque possuia uns palmos de terreno lavradio, cavalos, galinhas, patos, uma pequena riqueza.

Misha era *Kulaka*, isto é: um lavrador abastado com terra sua, exclusivamente sua...

Mas antes não tivesse voltado, diz êle. Pouco tempo depois, apareceram uns homens com *wintowkas* (espingardas) na mão, e deram-lhe cabo de todos os haveres. Por um milagre, conseguiu Misha fugir com sete cavalos e vendê-los no primeiro mercado mais próximo.

— Mas porque vendeste os cavalos?

— Porquê?! Então a *Kolchose?!* A colectividade?!

— De acôrdo. Mas êsses sacrifícios em prol da colectividade, são absolutamente voluntários. Staline, pelo menos, assim o asseverou numa carta...

A estas minhas palavras, que nem sequer consigo terminar, uma avalanche de exclamações cai sôbre mim:

— Tu não percebes nada!

— Tu pensas que Staline...

— Histórias, amigo, histórias do Staline...

— Nós que o digamos!

E de entre êles, houve alguns que ao pronunciarem o nome de Staline, cuspiram para o lado...

Entrei de pensar sôbre as palavras que ouvia, pareceram-me inúteis e perigosas... e continuei o meu passeio. Aos meus pensamentos veio-se misturar, porém, a recordação de uma cena presenciada, havia mêses, em Swerdlowsk... Junto à entrada da velha estação de caminho de ferro deparei com duzentas ou trezentas criaturas, esfarrapadas, imundas, de mistura com o pó da estrada,

O QUE OS SOVIETES MOSTRAM ÀS MISSÕES ESTRANGEIRAS: OS PRIMEIROS BLOCOS DE MORADIAS QUE HÃO DE SERVIR PARA MINORAR A CRISE DE HABITAÇÃO NA RÚSSIA

magote humano que metia dó, homens, mulheres e crianças, todos guardados, à vista, por uma numerosa fôrça da milícia de baioneta armada.

Preguntei ao russo que me acompanhava que vinha a ser aquilo... O outro encolheu os ombros, respondeu:

CARTAZ DE PROPAGANDA SOVIÉTICA CONTRA OS «KULAKAS»

— São *Kulakas* e estão à espera do combôio, porque vão ser deportados.

— Para onde?

— Para longe daqui... para Archanglsk... para longe, muito longe...

Tôda aquela gente vinha do sul. Semanas seguidas, em 1930, vi os combóios de mercadorias, vindos do sul, a abarrotar de carga humana destinada ao norte, ao norte frigidíssimo, onde podem morrer à vontade os *Kulakas*, os lavradores...

Mas, afinal de contas, que vem a ser um *Kulaka* na verdadeira acepção do termo?

Eu explico: um lavrador, qualquer aldeão, que possui terras que, pelo seu tamanho, pela sua importância, não possam ser amanhadas por êle e pela sua própria família e que necessitam o esfôrço dos trabalhadores assalariados. *Kulaka* é todo aquele que tenha mais do que uma vaca, de um cavalo ou de uma cabra, na estrebaria.

De quando em quando, o chefe soviético de qualquer aldeia recebe ordens de fornecer uma lista referente ao número de *Kulakas* ali existentes. O homem responde, mas o mais interessante em tudo isto é que se o comissário soviético relata que em tal e tal parte já acabaram os *Kulakas*, os altos poderes da U. R. S. S. não o acreditam... O quê? Já não há *Kulakas?* Isso é impossível! Ou dar-se-há o caso que o comissário dessa aldeia penda para as direitas ou seja *oportunista?!*

Que lhe resta a fazer ao funcionário soviético, pois? Procurar, arranjar *Kulakas*, meia dúzia ou mesmo mais.

Conheci em Wernske Turinsk um funcionário dêstes: era um rapazelho de vinte

anos incompletos, de grandes e altas botas de montar, e de espingarda a tiracolo. Tive logo a impressão que êste digno funcionário não corria o risco de ser demitido do seu lugar por falta de *Kulakas*...

Era êle que reünia o *comité* e propunha os *candidatos a Kulakas*, permitindo aos outros a indicação de nomes para não haver falta, e lembrando-lhes até a oportunidade de poderem, de tal maneira, verem-se livres de qualquer inimigosinho pessoal...

No dia seguinte a essa reünião, que fôra concorrida, quando muito, por uma escassa centena de pessoas representando a população da aldeia, o jornal publicava que era vontade do povo de Wernske Turinsk que fulanos, beltranos e cicranos fôssem expulsos da U. R. S. S. como inimigos da classe.

Ocorre-me, a respeito da vontade soberana do povo, aquele dia em que, acompanhado pelo velho Istrwostschik, passei em Swerdlowsk por uma igreja arrazada. Preguntei porque a tinham deitado abaixo e o velho respondeu:

— Li nos jornais que foi o povo que assim o exigiu... Mas a mim não me preguntaram nada, os malandrões!

Voltemos aos *Kulakas*. Que lhes sucede depois de haverem sido acusados de inimigos da classe e da comunidade? Se têm sorte, encontram-se com mulher e filhos à porta de sua casa, de trouxa na mão, e ouvem como lhes dizem: *Ide para onde vos aprouver!*

Mas isto é ter muita sorte. Que dirão à sorte daqueles que são deportados, levados para o norte, para um fim horrível e pavoroso?

Houve um jóvem sonhador e idealista que preguntou aos lavradores porque razão êles concordavam com tal proceder, porque não se revoltavam. Responderam-lhe:

— Que lhe havemos de fazer? Por tôda a parte G. P. U.! E depois lembra-te que lá diz a letra da *Internacional* que por aí se canta: *A nós não nos ajuda nenhum Deus, nenhum imperador e nenhum herói...*

* * *

Há três letras do alfabeto que nenhum russo pronuncia sem empalidecer: *G. P. U.*... A G. P.U sabe tudo, está em tôda a parte, é soberana, é um fantasma que paira sôbre a vida de cada um.

Ao princípio indignava-me freqüentes vezes quando via aparecer na fábrica, rondando os trabalhos, olhando todos e tudo, um indivíduo mais decentemente vestido do que o usual. Chamava eu qualquer dos meus contra-mestres e mandava-o indagar da estranha atitude daquele desconhecido...

— G. P. U.! — dizia-me, ao voltar, o contra-mestre, e havia um estranho tremor nas suas palavras.

Quis combater aquele terror, pretendi mostrar àqueles cavalheiros que para nada ali eram chamados, que não lhes reconhecia o direito de...

Mas logo um amigo, qualquer dos meus subalternos, me impedia a passagem:

— Faça tudo, menos isso!

— Mas eu...

— Cuidado! G. P. U....Com certeza que o senhor não quere...

— Que me importa! Mesmo que fôsse Staline em pessoa eu havia de...

— Mas é pior, indiscritìvelmente pior...

— O pior de tudo — interrompo eu — é andarem por aqui criaturas estranhas ao serviço da fábrica, e quem aqui manda sou eu!

Alucinado, Smirnoff, o meu contra-mestre

Um dos primeiros pseudo-arranha-céus de Moscovo

ajudante, empurra-me violentamente para longe, enquanto me segreda:

— Engana-se! Quem manda são êles!

Êles! Uma onda de sangue sobe-me à caleça, tento libertar-me da prisão dos braços de Smirnoff:

— Eu lhes direi... Olha, Smirnoff, vai tu! Vai-lhe dizer, de meu mando, que se pretende alguma coisa daqui tem por obrigação apresentar-se, em primeiro lugar, à minha pessoa, que todos sabem que sou aqui *Natschalnik* (gerente)!

Smirnoff fica indeciso, olhando-me como quem não acredita no que acaba de ouvir.

— Vai! Não ouviste?

Do lado, o meu engenheiro russo tem um sorriso amarelo:

— Se fôsse comigo, calava-me *Towaritsch* engenheiro... porque sou russo! Mas tu és alemão, que mal te poderão *êles* fazer?!

Estas palavras ainda mais me encorajam:

— Anda, Smirnoff! — exclamo, quási que a gritar. — Vai lá, sou eu quem mando!

E o bom Smirnoff vai direito ao homem, de passo arrastado, vagaroso... qual carneiro a caminho do açougue. Quando chega em frente ao outro troca com êle meia dúzia de palavras, depois volta...

— Então?

— Diz que... — Smirnoff gagueja e nota-se como lhe custa dizer-me a resposta do outro — que... que... êle... tu...

— Explica-te, depressa!

— Diz que... que... que é da G. P. U.! E que para êle não há portas fechadas...

— E se êle nos está a intrujar? — exclama já mais do que irritado. — Que mostre o cartão!

A um gesto meu de quem está decidido a ter com o *outro*, Smirnoff e o engenheiro agarram-se a mim...

— Nada de imprudências! — exclama um.

— Eu conheço-o... — assevera o outro.

Hesito durante fracções mínimas de segundos, mas o terror na fisionomia dos meus homens acaba por me convencer... e limito-me, bom ou mau grado meu, a *arquivar o caso*.

A pouco e pouco — porque o facto que acabei de relatar ocorreu durante os meus primeiros tempos na Rússia — fui compreendendo porque razões êsse fantasma da *Administração político-estadual* (tradução das três iniciais G. P. U.) influía de tal maneira na vida dos russos, os atemorisava tanto, e acabava por ser um pesadêlo terrível, lúgubre, hediondo, que não lhes deixava um momento de sossêgo e irrompia nos seus destinos, ameaçador e inflexível.

Casualmente ocorre-me à memória um caso de entre muitos: Numa cidade mais importante da Rússia, vivia um filho de um ex-industrial. Rapaz na fôrça da idade, já casado, naturalmente também já *proletarisado*. O simples facto do pai desta criatura haver sido, noutros tempos, proprietário de uma grande fábrica era uma anotação que se encontrava lavrada nos registos da G. P. U. e de forma alguma, era vantajosa para êsse rapaz...

Certa noite, batem-lhe à porta... Entram dois homens à paisana e a conversa que se estabelece é simples, simplicíssima até:

— O senhor é que é o *burguês* X, não é verdade?

— Sim... efectivamente... eu...

— G. P. U.! Siga-nos sem mais uma palavra!

X empalidece, mas sabe que tem de ser obediente...

E a mulher de X, aflita, alucinada, tem que ficar sem que possa protestar. Ela sabe-o de sobejo: tôdas as preguntas, todos os pedidos, tôdas as investigações, seriam em vão, não só para aquele que pedisse, investigasse ou preguntasse, mas muito mais, e com

muito piores consequências para aquele por quem uma pessoa se interessasse...

Passam dias, semanas... Ao cabo de mês e meio do marido haver saído de casa, um dêles vem buscar a pobre mulher:

— Se lhe interessa ver uma vez mais o seu marido...

E ela segue sem dizer palavra. Cada pergunta em nada serviria a causa do seu pobre homem. Finalmente, na estação, minutos antes da partida do comboio, encontra-se a infeliz criatura diante do marido. De comoção e de espanto, a sobresinha não consegue articular mais do que o nome dêle... Em sua frente vê um homem que é um esqueleto, cujo cabelo embranqueceu, de olhar baço, indiferente, estúpido — que, por sua vez, a olha sem a reconhecer, e que só sabe repetir a cada instante:

— Mas se eu já lhe disse tudo, tudo!... Se eu nada mais sei... nada mais... nada...

O agente, ao lado daquele farrapo humano, tem, subitamente, um acesso de compaixão... Puxa pelo braço do prisioneiro, empurra-o para dentro do comboio e *consola* a infeliz mulher:

— Coitadinho, está doido!

O comboio parte, fica a desgraçadinha a olhar como a última carruagem se perde no negrume do túnel. A fortíssima comoção nem lhe permite saber se tudo aquilo é verdade, se é justo ou se...

Ao voltar-se, depara com o outro agente que a fôra buscar a casa e que a olha fixamente. Levando o dedo indicador aos lábios como que impondo silêncio, o outro recomenda-lhe quási *paternalmente*:

— Nem uma palavra! Nem uma palavra, sequer...

Já agora, relato outro caso não menos concludente:

Nos caminhos de ferro do Ural existiam três maquinistas, três pobres almas que tinham acabado por se habituarem ao *novo sistema*, às novas leis, por necessidade de trabalho... Deus fôsse louvado, que assim lhes permitia ganhar o pão nosso de cada dia! Uma única particularidade vinha assombrear o seu modo de vida: eram dos *antigos*; um dêles, oficial do tempo do império; o segundo, engenheiro; o terceiro, fabricante. Por um destino da sorte tinham acabado em ferroviários e guiavam, cada qual, a sua locomotiva...

Por outro estranho acaso da sorte coube a cada um dêles uma locomotiva, sim, mas das mais velhas e mais usadas de tôda aquela linha, que antes devia já ter ido aumentar o monte da sucata e que em qualquer outra parte do mundo já há muito teria sido tirada do efectivo. Ora, compreende-se que os pobres maquinistas se lastimassem, reclamassem e pedissem, insistentemente, vistorias, substituição por outro material rolante...

VISÃO DO FUTURO? ASSIM PRETENDE UM JÓVEM ARQUITECTO RUSSO TRANSFORMAR A ESTÉTICA CITADINA DE LENINGRADO

Mas as instâncias superiores permaneciam indiferentes. Era lá possível que logo três máquinas, tripuladas, exactamente, por três homens afectos ao antigo regime, não estivessem em condições, que carecessem de constantes melhoramentos, que acabasse por parar no mesmo dia! Nada! Ali havia *sabotage*, qualquer plano contra-revolucionário, qualquer tentativa de indisciplina...

Entretanto, os três maquinistas cujas máquinas tinham ficado encravadas em três pontos diferentes da linha e que não sabiam, na verdade, do precalço que, casualmente, a todos os três sucedera simultâneamente, não adivinhavam que alguém tudo via e tudo interpretava a seu belo modo...

Em Moscovo, na praça Lubjanka, ergue-se o monumento de madeira dos agentes da G. P. U. A imagem, futurista, representa um homem de espingarda e baioneta calada em posição de ataque, o olhar hirto como que perdido pelo além... Foi êsse olhar que tudo vê quanto se passa desde o mar de oeste à fronteira da Mandchúria, que surpreendeu, dessa vez também, três locomotivas paradas lá longe, no Ural...

Três dias depois, os três maquinistas eram fusilados.

G. P. U.... Mais uma vez o fantasma a quem nada escapa, impondo silêncio, dera que falar de si.

* * *

Qualquer soviete, em apanhando a geito um turista estrangeiro, vai direitinho aos grandes centros mostrar-lhe as grandes e modernas edificações:

— Venha ver como vive na Rússia o operário! — exclama o propagandista, e assume um ar imponente.

Realmente, nos grandes centros, constrói-se, e bastante. As modernas edificações irrompem com freqüência do solo, se bem que os grandes projectos para bairros operários continuem, por enquanto, no papel... Dizem que devido à dificuldade em obtenção de material.

Vi em Swerdlowsk grandes e imponentes blocos de moradias modernas; outro tanto aconteceu em Moscovo. Construções estas dignas de figurarem em qualquer cidade culta da Europa. Casas com aquecimento central e todo o confôrto, a não ser os andares divididos em moradias de três quartos, que não tinham nem banheira, nem água quente.

Tudo isto, porém, é para o estrangeiro ver. A quási totalidade dos operários russos, se não todos, mesmo, não vive nessas casas, destinadas, como tudo o que lá é bom, afinal, para a *burguesia soviética*.

O alojamento do operariado russo é um dos capítulos mais escuros da história actual da Humanidade. Vi-os nos centros industriais onde trabalhei, habitando — em atrós promiscuidade de sexos: homens, mulheres, crianças, tudo junto e misturado, — barracas de campanha, cada uma com lotação para oitenta e oito pessoas. Julgo, no entanto, poder limitar por aqui o meu relato se vos disser que, de facto, cada uma dessas barracas abrigava para cima de cem criaturas. Ninguém pensava, sequer, em se despir, ou, na manhã seguinte, em se lavar...

O meu *director vermelho*, com quem eu costumava conversar sôbre certas coisas, percebia muito bem que um tal estado de coisas me impressionasse desagradàvelmente. Também êle compartilhava da minha opinião e, de quando em quando, mandava um ofício a requisitar mais barracas e mais colchões, e alguns cobertores, de que nem um só havia... Julgo que tantas vezes requisitou êstes artigos em vão que acabou por desistir, se bem que a sua compaixão pelo próximo fôsse imensa...

* * *

Como já disse, trabalhei durante os primeiros mêses da minha estada na Rússia numa empresa alemã. Pouco tempo depois, mandaram-me os russos os seus primeiros emissários: que aceitasse um lugar nas obras do Estado... repetiam-me êles, a todo o momento. E êstes convites repetiram-se tanto e tanto, e as ofertas feitas variavam também e aumentavam em proporção com o interêsse que se começava a suscitar em mim por conhecer mais de perto o organismo brutal do *plano dos cinco anos*. Aceitei.

OPERÁRIOS RUSSOS, DURANTE A HORA DO DESCANSO, MATAM A SÊDE... A REGADOR

Depois, digam lá, qual o engenheiro que não sentiria dentro em si essa enorme curiosidade de participar na realização de um plano colosso, fantástico, que tanto poderia ter de grandioso, irresistível, avassalador, como de exagerado e irónico!?

Escreveu-se tanto àcêrca do plano quinquenal e tão diferentemente, que eu posso bem saltar sôbre os seus mínimos detalhes. Seja como fôr, constitue, de tôda a maneira, um assunto do máximo interêsse para todos os técnicos, ao passo que a opinião pública anda de volta dêle e o avalia, ou como uma

das maiores realizações da história da Humanidade, ou como uma utopia, fruto de cérebros tresloucados...

Em resumo: no espaço de cinco anos, de Outubro de 1928 a Outubro de 1933, propunha-se o Estado russo empregar um total fabuloso na reconstrução da sua indústria e da sua agricultura. Isto é: em cinco anos, possìvelmente em quatro, até, pretendem êles pôr em dia a vida que se encontra atrazada de há muito, e não só igualar a cultura dos Estados europeus e americanos, como, sendo possível, ultrapassá-la.

É um plano gigantesco, bárbaro na sua concepção do mais perfeito e do mais grandioso, uma sinfonia da criação que excede tudo quanto humanamente possamos admitir de sumamente perfeito. Esta a ideia que, devemos confessar, é nobre e patriótica, e se ela não encontra um éco amigável, uma ajuda expontânea por parte do resto do mundo, é porque as circunstâncias políticas por forma alguma o devem e podem permitir.

Poucos países haverá com melhores qualidades para uma autarquia económica como a Rússia as possúe. São tantas e tão variadas as riquezas do seu solo, que, se soubesse o Estado promover sistemática e metòdicamente os trabalhos de colheita e de exploração, todo o povo russo teria que comer para muitos, muitos anos.

O interessante é que, dispondo-se o poder soviético ao aproveitamento e à recolha de todos êsses tesouros da terra, o povo, porém, não dispõe da cultura e do treino suficientes para colaborar nessa emprêsa. Mais do que nunca a Rússia depende do auxílio do resto do mundo e vê-se obrigada a importar tôda a classe de máquinas, técnicos especializados e quási todo o material, do estrangeiro, e o que é isto senão apelar, teòricamente, para o auxílio dos inimigos do sovietismo?

Assim, foi que os russos compreenderam que se tinham que emancipar, e o *plano dos cinco anos* resume-se, afinal, politicamente, numa absoluta libertação da ajuda do estrangeiro.

No entanto, para poder pagar máquinas e homens do estrangeiro durante o período de transição para uma completa independência, viu-se o Estado soviético coagido a exportar os produtos do seu solo, e as mercadorias russas que aparecem aos ponta-pés pelos mercados do estrangeiro não constituem prova de excesso de produção, mas tão sòmente o pão comido a menos por milhões e milhões de russos...

A fome do povo, as privações de uma incalculável população, os seus sofrimentos e a sua miséria... Tudo isto, e não outras coisas, é que são, verdadeiramente, os fundamentos que hão-de servir à construção fantástica do novo Estado socialista.

É claro que êsse plano grandioso entusiásma o técnico, o investigador, o estudioso... Só não interessa ao próprio povo russo, para quem é como um pesadelo, uma tortura sem fim.

Mesmo a excelente propaganda bolchevista não consegue iludir um tal estado de coisas. Os mais lindos cartazes, as mais concludentes estatísticas, conferências pela rádio-telefonia, filmes cinematográficos... nada, absolutamente nada, consegue fazer esquecer ao homem indefeso, que vagueia pelas ruas, as suas privações e a sua fome.

Últimamente, resolveram os propagandistas encurtar o prazo e entraram de anunciar que, em vez de cinco, bastariam só quatro anos. Em tôda a parte aparecem os cartazes que se limitam a um enorme algarismo, o quatro, tendo ao lado um cinco pequeno, riscado. E dizem os grandes:

— Vêde: bastam quatro anos! Eis uma prova do que temos produzido!

Mas entre o povo, à boca pequena, rosna-se:

— Isso sim! É uma prova mas é de que nós não aguentamos isto por muito mais tempo...

No cérebro dos homens que tão despòticamente têm sacrificado tôda a vida de um povo a um hipotético futuro é que impera abusivamente a ideia que é preciso exigir-se o impossível para se alcançar, talvez, uma pequena parcela do mais possível...

* * *

Fui destacado para a região do Ural, para Werchne Salda. Na véspera, estivera a estudar os planos dos trabalhos numa das centrais comunistas. Receberam-me galhardamente e mostraram-me, com grandes modos e com aparente orgulho, os planos para a construção de uma grande fábrica com os anexos mais completos e modernos, e à volta um excelente bairro operário.

A RÚSSIA SOVIÉTICA DEPENDE DO AUXÍLIO DO RESTO DO MUNDO. EIS UM DOS MUITOS TRACTORES AGRÍCOLAS IMPORTADOS DO ESTRANGEIRO

— Póde partir quando quiser. Lá encontrará todo o pessoal e tudo quanto necessita, além de todos os detalhes!

Confesso que esta maneira de falar me deixou assim um pouco apreensivo... Porque razão é que só em Werchne Salda me poderiam dar todos os detalhes, quando seria natural que as entidades superiores devessem estar absolutamente informadas de tudo quanto dizia respeito à obra?!

Habituara-me na Alemanha a encarregar-me, sòmente, de qualquer obra que fôsse, depois de haver estudado, detalhadamente, tôdas as suas características e de haver ponderado âcêrca de tôdas as condições em que empreitada deveria ser levada a bom fim. Nunca, em minha vida, me dirigira ao local da obra, sem haver gravado na mente tôdas as características da região e todos os seus mínimos detalhes técnicos.

Pensei: quem sabe se isto não será pedantismo demasiado? Vamos lá a ver se, desta forma, também se pode trabalhar! E tratei de deitar os velhos preconceitos para trás das costas. Além disso, em Werchne Salda, segundo me informavam, já estavam a trabalhar há mais de seis meses... Com certeza que deveriam saber no que empregavam os seus esforços, e, portanto, não havia razão para hesitações... Parti.

A jornada de cento e oitenta quilómetros durou dezoito horas. Cheguei a Werchne Salda às duas e meia da tarde. Saltei para a *gare*, assisti à partida do combóio que me trouxera, e acabei por me encontrar só, absolutamente só, com a minha pesosa, a minha bagagem, e — vá lá! — o meu talento...

A povoação, como de resto se verifica em tôda a Rússia, ficava distante da estação hora e meia de caminho.

Como havia eu de chegar ao local da obra?

Providencialmente um aldeão tirou-me de apuros:

— Necessita de algum guia?

— Sim... Quero ir para Stalmost... para as grandes obras...

— Stalmost?! Obras...?!

— Então não sabes? Stalmost...

— Obras em Stalmost?!

Fico atrapalhado... Então se a própria gente da terra não sabe... hei-de eu saber onde é que...

Resolvo finalmente o caso, acedendo em pagar oito rublos pelo transporte em carroça, desde a estação até ao local das tais *desconhecidas* obras, e o interessante é que o tal aldeão que me transporta na sua carroça, vivendo naquela região há já muitos anos, que me interroga a mim, forasteiro, a respeito das tais obras, das tais construções, da tal fábrica... Parece ignorar tudo apesar de viver ali, a hora e meia de distância de Stalmost!

Chegamos, finalmente. Sou recebido pelo encarregado e pelo engenheiro em chefe, Fomenko.

Não consigo conter a curiosidade:

— Onde são as obras?

— Além!

— Mas...

— Porque se admira?

— Não vêjo nada...

— Mas que queria vêr?

— As barracas, a fábrica... Tudo quanto me disseram em Moscovo...

— Ah! A fábrica? Isso ainda está tudo no papel!

(Continua no próximo número)

Tradução libérrima e adaptação de

JOÃO DE MORAIS PALMEIRO.

No terceiro e último artigo da série NA RÚSSIA SOVIÉTICA:

COMO E EM QUE SE TRABALHA — A OFICINA MECÂNICA N.º 2 — ASSISTÊNCIA — UM POVO DE SACRIFICADOS — A SUA RESIGNAÇÃO — A GRANDE VERDADE!

Vida Elegante

Festas de caridade

NAS BELAS ARTES

Organizadas por uma comissão de gentis senhoras da nossa primeira sociedade, da qual fazem parte D. Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Eugénia Maria de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Heta Herold, D. Isabel Maria de Lencastre Feitas, D. Isabel de Oliveira Monteiro, D. Leonor Correia de Sá (Asseca), D. Mariana da Câmara Pinto Coelho, D. Manuela da Câmara Assis, D. Maria Alice Rebêlo Maia, D. Maria Braamcamp Freire (Almeirim), D. Maria Carlota de Lancastre, D. Maria do Carmo de Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Maria Emília Seabra da Câmara, D. Maria Isabel Braamcamp Freire (Almeirim), D. Maria José Burnay, D. Maria José Soto Maior Pinto Basto, D. Maria Leopoldina de Araújo Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria de Lourdes Rebêlo Maia, D. Maria Luísa Burnay, D. Maria Luísa de Lancastre Freitas, D. Maria Luisa de Melo e Castro Trigoso, D. Maria Luísa de Orey, D. Maria Teresa Burnay, D. Maria Teresa Vecchi Pinto Coelho, D. Nazaré Centeno Gorjão Henriques, D. Nina da Câmara Assis e D. Teresa Pinheiro de Melo (Arnoso), realizam-se nas tardes de domingo magro, domingo gordo e terça-feira de Carnaval, no vasto *hall* da Sociedade Nacional de Belas Artes, três interessantes «matinées de caridade», cujo produto se destina a favor de várias obras de beneficência.

Durante as três matinées haverá bailados clássicos, rítmicos e internacionais, por um grupo de discípulas da professora de dança Madame Britton's, e um concurso de crianças mascaradas, para as quais haverá artísticos prémios.

O *hall* da Sociedade Nacional de Belas Artes ostentará, nessas «matinées de caridade», uma vistosa ornamentação.

Récita de homenagem

Como se previa, a noite de segunda-feira passada, no teatro da Trindade, onde se realizou a festa de homenagem aos cronistas mundanos e nossos colegas na imprensa srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, constituiu uma verdadeira parada de mundanismo, pois ali deu ponto de reünião tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade.

Representou-se mais uma vez a engraçada farsa *O Alabrabão*, na qual o brilhante actor cómico Nascimento Fernandes conservou a selecta assistência em constante hilariedade.

Casamentos

Sendo celebrante o reverendo Augusto de Araujo, da Ordem Terceira, que fêz uma brilhante alocução, seguindo-se a missa pelo prior de S. Sebastião da Pedreira, reverendo António de Oliveira Reis, realizou-se na capela da Quinta de Milflores, às Laranjeiras, o casamento da sr.ª D. Alice Carneiro, gentil filha do sr. Jerónimo José Carneiro, com o sr. Joaquim Filipe Proença Fortes de Mendonça Côrte Real, filho da sr.ª D. Laura Proença Fortes de Barros e do sr. Joaquim Côrte Real, já falecido, e enteado do major sr. José Fernandes de Barros.

Serviram de madrinhas a avó paterna da noiva, sr.ª D. Alice de Lima Carneiro, e a mãi do noivo, e de padrinhos o pai da noiva e o padrasto do noivo.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Durante a cerimónia religiosa foram executados no órgão, pelo sr. João Contreiras Queriol, vários trechos de música sacra.

Finda a cerimónia religiosa foi servido, no salão de mesa, onde se pode admirar grande número de preciosidades antigas, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Em uma das salas do palacete da quinta de Milflores, residência do pai da noiva, encontravam-se expostas grande número de prendas de subido valor, que foram oferecidas aos noivos.

— Realizou-se, com muita intimidade, na igreja do Corpo Santo, o casamento da sr.ª D. Hilda Ermida Machado, interessante filha da sr.ª D. Mariana Ermida Machado e do sr. conselheiro Vergílio Machado, já falecidos, com seu primo, o sr. Mário Eugénio Machado Macedo, filho da sr.ª D. Debora Machado Macedo e do sr. Francisco Lúcio Macedo, já falecido.

Foram madrinhas a tia da noiva, sr.ª D. Ana Ermida Mendonça, e a mãi do noivo, e padrinhos os tios da noiva, srs. conselheiro Aquiles Machado e o professor Ulisses Machado. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Os noivos partiram para a Madeira, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas, entre as quais algumas de alto valor.

— Na capela da Quinta do Paço, em Vila Marim, Douro, realizou-se, com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.ª D. Margarida de Magalhães Pinto Ribeiro, gentil filha da sr.ª D. Emília Pinto Ribeiro e do sr. dr. Artur de Magalhães Pinto Ribeiro, com o sr. Manuel de Barros e Caupers de Sousa Afonso de Carvalho, filho da sr.ª D. Judit de Barros e Caupers de Sousa Nápoles de Carvalho e do comandante sr. António Afonso de Carvalho.

Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Cecília de Magalhãis Pinto Ribeiro e Marquesa de Valença, e de padrinhos os srs. dr. José Maria Pinto Ribeiro e José de Oliveira e Silva.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido, no salão de mesa, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois, em automóvel, para Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas, que se encontravam expostas em uma das vastas salas da elegante residência da Quinta do Paço, em Vila Marim.

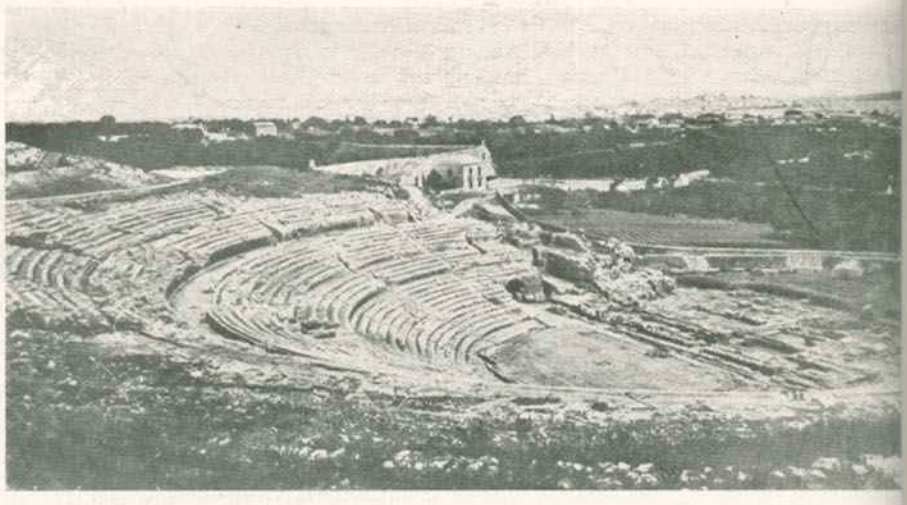
D. Nuno.

A SR.ª D. ALICE CARNEIRO E O CÔRTE REAL, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NA CAPELA DA QUINTA DE MILFLORES, RESIDÊNCIA DO PAI DA NOIVA

SR. JOAQUIM FILIPE PROENÇA FORTES

SICÍLIA MARAVILHOSA

Os espectáculos clássicos no "Teatro Grêgo" de Siracusa — O ressurgimento das tragédias grêgas em Siracusa e Agrigento



SIRACUSA — RUÍNAS DO TEATRO GRÊGO

A Sicília é uma mulher velada que nos interessa primeiro, nos apaixona depois e termina por apossar-se do nosso pensamento, não o deixando mais. É a definição que julgo mais adequada àquela ilha, que, no extremo sul da Itália, se ergue magestosa e imponente no mar Mediterrâneo.

Quem a tenha percorrido de lés-a-lés não a esquece mais.

Não olvidará nunca as suas paisagens, os seus templos e as suas ruínas.

As ruínas! Aquelas pedras amontoadas que nos falam, que nos descrevem civilizações e épocas umas após outras. Não esquecerá mais a fantasia panorâmica do «Collo San Rizzo», em Messina; a magnificência de uma noite de luar em Taormina ou um ocaso do sol através o grande Templo da Concórdia, em Agrigento. No seu pensamento perdurarão sempre os teatros gregos de Siracusa e Taormina; as ruínas de Selinunte e Agrigento; a paisagem do Etna, em Catânia; os costumes maravilhosos e característicos da Piana dei Greci e a grande cidade de Palermo. O folclore siciliano não esquece nunca a quem uma vez o viu.

Siracusa! Um nome que, apenas pronunciado, nos trás à memória um sem número de recordações, orígem ilustre, e acontecimentos heróicos que se ligam para nos apresentar esta maravilhosa cidade siciliana, como dizia Cicerone: «a maior das cidades gregas e uma das mais belas de todo o mundo.»

O mito confunde-se com a epopeia, o divino com o humano; cada torrão, cada palmo daquele quási sagrado solo, cintila diante dos nossos olhos.

Nesta cidade opulenta e populosa erguem-se muitas figuras gigantescas, como a dos Dionísios; de Agátocle; Jèrone II, filho de Jérocle, ou outras tristemente célebres, como Jerónimo, sobrinho de Jérone II, um jóvem inexperiente que rompe a aliança com Roma.

A hora trágica de Siracusa.

E é tudo isto que nós recordamos ao entrarmos em Siracusa, onde, a cada passo, nos surge uma centelha brilhante do fogo ardente do passado.

E as representações clássicas? Aquele ressurgimento das tragédias gregas feito adentro das ruínas dos memoráveis teatros! Representações públicas, gratuítas, para a educação do povo.

E... num lugar privilegiado como o do «Teatro Grego», de Siracusa, um dos mais interessantes e curiosos do Universo, de melhor construção e de maior capacidade entre os teatros gregos e romanos, iniciou-se, em 1914, a reevocação das célebres tragédias com as primeiras representações clássicas organizadas pelo Instituto Nacional do Drama Antigo.

Assim, naquelas ruínas de um teatro que os séculos e os anos não conseguiram completamente devastar, onde as pedras brancas contrastam maravilhosamente com a exuberante vegetação, típica da flora meridional, ressurgem anualmente, entre outras, as tragédias de Ésquilo, Eurípides, Sófocles e Aristófanes.

O que, porém, mais cativa a nossa vista e mais engrandece a beleza do ambiente é o panorama, cenário fantástico dêste divino instrumento de arte. A linha recta e serena dos «Iblei», o verde-esmeralda do mar que se oculta detrás dos extensos pomares de limoeiros e dos azues escuros dos elevados cumes das montanhas, emprestam uma nota de alegria e vida, que a pureza do colorido do céu emoldura, àquele deslumbramento que é a reevocação das grandes obras da arte helénica.

Estas interessantíssimas manifestações artísticas, muito embora continuem mantendo uma directriz austera e clássica de acôrdo com as necessidades da obra foram, no que respeita à técnica de execução e encenação, convenientemente adaptadas às exigências da estética e do público de hoje.

Apesar disso, a profundeza dramática das grandes obras trágicas não sofre qualquer alteração.

O que se faz, actualmente, em Siracusa ou Agrigento, é, quási se pode afirmar, a maneira própria e indicada para fazer aceitar com entusiásmo, pelo público moderno, as tragédias gregas.

É a forma mais inteligente de fazer com que a geração da actualidade, habituada a uma cuidada e, por vezes, refinada estética teatral, aprecie e oiça com agrado tanto as formidáveis tragédias de Ésquilo como as humanas e intensamente dramáticas obras de Sófocles e Eurípides.

Seguindo êste acertado critério, o Instituto Nacional do Drama Antigo tratou primeiramente das cenas e, assim, entregou a sua confecção à fantasia ordenada de um artista, que as estudou separadamente e para cada uma das tragédias. Dêsses estudos resultaram verdadeiras e grandiosas construções, extraordinàriamente equilibradas e, talvez, únicas no seu género.

Surgiu então, após isto, em Siracusa

AGRIGENTO — TEMPLO DA CONCÓRDIA

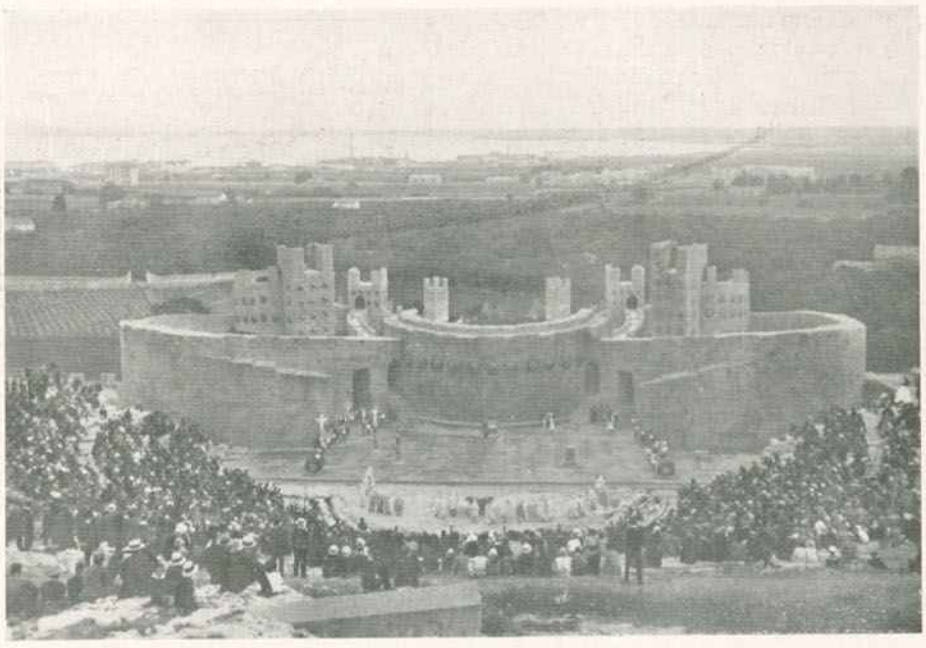
uma nova arte cenográfica, cuja característica principal está nos espectáculos ao ar livre, com luz natural.

Todos os variadíssimos e múltiplos efeitos cromáticos a obter têm de ser detidamente estudados agora, visto a luz da ribalta ter sido posta de parte.

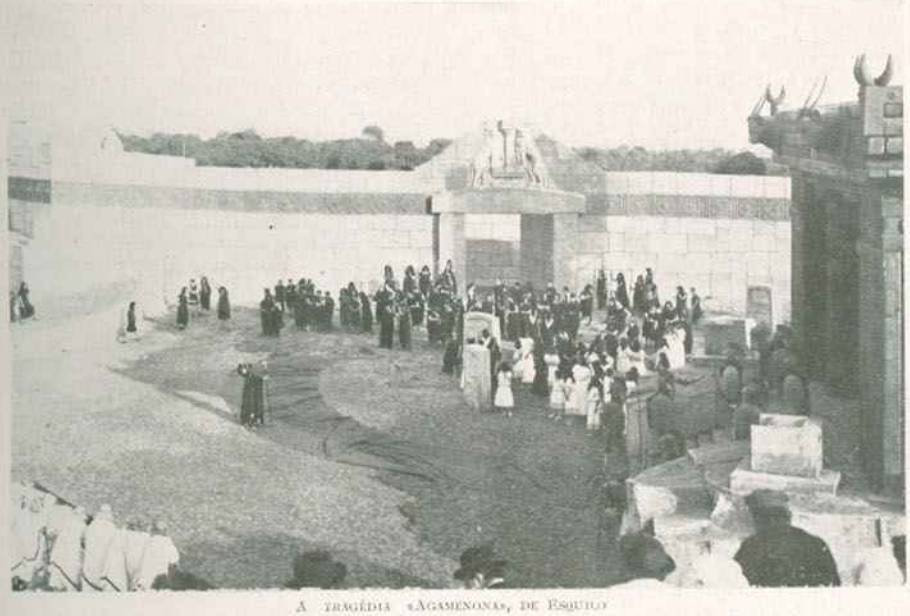
Não são só, porém, os efeitos de luz que veem preocupar os artistas cenógratos. Há outros assuntos, também complicados, a atender, bem mais difíceis do que os da cenografia vulgar, como sejam os problemas de perspectiva: trata-se de grandes massas forçadas a um equilíbrio de estética, dentro de um meio diferente.

Na execução artística das tragédias, na sua essência, não foi introduzida qualquer modificação: a música continua acompanhando a representação e as dansas rítmicas, subtis e deliciosas.

Não tendo, porém, sido possível obter-se uma página completa da música grega mas apenas simples fragmentos, procurou-se, entregando êsses vestígios de música, a compositores de consagrado valor e reputação, conseguir uma que fôsse o mais possível semelhante.



Representação da «Antígone», de Sófocles



A tragédia «Agamenona», de Esquilo

Não exageramos se dissermos — de acôrdo com o que ouvimos — que a música foi completamente feita de novo, isto é, uma outra, talvez até completamente diferente da usada. Entretanto, está tão bem adequada que os resultados, até agora obtidos, provam que ela é, tal como está, um elemento indispensável.

A música é aplicada com oportunidade e de modo a não exceder a parte poética. Pelo contrário, liga-se a ela com aquele inteiro equilíbrio que caracterizou a arte grega.

Tomando numa consideração especial a coreografia, a dansa, esta expressão de arte absolutamente clássica e fonte prodigiosa de beleza, foi grandemente cuidada. No que se refere à parte poética, escolheu-se, para traduzir, tudo quanto se pudesse prestar a uma dicção plana, clara e moderna.

Com o delicioso conjunto dêstes quatro elementos — poesia, música, dansa e cenários — absolutamente equilibrados, sem que, qualquer dêles, ao de leve, predomine e ainda coadjuvados pelo local, têm-se, em Siracusa e Agrigento, realizado, anualmente, espectáculos dêste género que deixam as mais gratas recordações no espírito de quem a êles assiste.

E... enquanto em Siracusa, naquele mesmo lugar onde outrora existiu um dos maiores teatros do mundo, mandado edificar por Dionísio e ao qual Diodoro deu a classificação do «mais belo da Sicília», ressurgem hoje as tragédias que a arte tornou imorredoiras, em Agrigento, no Templo da Concórdia, símbolo maravilhoso de três civilizações, faz-se, ali também, a sua reevocação.

Torres de Carvalho.

Agrigento — Representação de «Os Sete de Tebas», de Esquilo

Um príncipe - - perfeito - -

As colecções do duque de Orléans no Museu de Paris

Se é certo que muitos dos grandes representantes da nobreza antiga e muitos rebentos de famílias reinantes dão aso, pela sua inutilidade social, pela sua inculta preguiça e pela sua amoralidade degenerada, a uma repulsa geral e um desdém de parte de todos os homens equilibrados e dignos, há outros grandes senhores que, pela sua cultura, pela sua inteligência, pela sua elegância moral, atingem um nível pouco vulgar na consideração mundial, honrando os grandes nomes que ostentam, não desmentindo, antes acrescentando o nobre historial da sua linhagem magnífica. Está neste caso, bem merecendo um cognome de *Príncipe Perfeito*, S. A. o Duque Filipe de Orléans, irmão da ex-rainha de Portugal D. Amélia de Orléans e representante legítimo da Casa de França, após a morte do conde de Paris. Vejamos, ràpidamente, o que foi a vida dêste príncipe e grande senhor cuja colecção de fauna e flora tropical e antártica, únicas no mundo, são, por disposição testamentária sua, os atractivos maiores do Museu de História Natural de Paris.

O *Príncipe Perfeito* nasceu em 1869, em Twickenhan, e depois da queda do Império de Napoleão III, seu pai levou-o a Paris para o educar. Em 1888, uma lei baniu-o de França e foi residir na Bélgica. Mas em 1890, em idade militar, apresentou-se o príncipe para cumprir o seu dever, como recruta. Prêso e condenado a dois anos de prisão foi indultado meses depois mas expulso, de novo, da sua querida França. Começa então uma vida algo particular na sua pitoresca variante da misantropia. A sua paixão é a caça. Era um atirador excepcional, um caçador único; não caçava como atirador, mas atirava como um caçador.

Um bando de ursos mortos pelo Duque de Orléans nas Terras de Francisco José, durante a sua primeira expedição polar, em 1905, a bordo do «Bélgica»

Em tudo havia uma paixão também de naturalista. Estudava, caçando, a vida dos animais selvagens, as plantas, as árvores, os costumes. Seu primo Henrique explorava a Ásia Central com Bonvalot. O Duque de Orléans, representante dos reis de França, iniciou explorações árticas. Arvorou a bandeira francesa nas ilhas da costa nordeste da Groenlândia. Depois, em 1897 visitou a Índia e todos os países da Europa, América e África,

O Duque Filipe de Orléans

abordou as re-
giões po lares e
recolheu assim
uma es pantosa
colecção de ma-
míferos e aves,
que com prava
quando não ti-
nha oca sião de
os caçar. Com to-
do êste material
enorme, formou
uma co lecção
única no mundo e
que, em testamento, legou ao museu de Paris, bem como as suas armas e o capital preciso para se obter um rendimento de 25.000 francos. Segundo êsse documento, a instalação da colecção seria feita pelo seu grande amigo e naturalista insigne, M. Burlace, de Londres.

Esta colecção preciosa, de que reproduzimos alguns aspectos na sua instalação actual, estava num anexo do «Manoir d'Anjou», castelo situado perto de Bruxelas, onde a família de Orléans habita durante o seu prolongado exílio. Não havia dinheiro para instalação definitiva. A fortuna do príncipe não ía além de 150.000 libras.

No seu testamento, Filipe de Orléans, instituindo herdeira universal sua irmã, a ex-rainha D. Amélia, dispunha a entrega de 6.000 libras a *mistress* Jarrot, amiga de infância. Esta renunciou ao legado sob condição de que êle fôsse aplicado à melhoria das instalações da colecção do príncipe. Entregou-se esta quantia ao museu legatário e fêz-se uma edificação especial para albergar a colecção única. Honrava-se a memória e as intenções do ilustre príncipe da Casa de França que dedicara tôda a sua vida a preparar e conseguir um novo museu que a sua pátria pode exibir, cheia de orgulho, ante o mundo inteiro.

Efectivamente o príncipe reüniu uma soma de exemplares das floras e das faunas tropical e ártica que nenhuma outra colecção pode possuir e, além disto, tratou cada exemplar de uma forma tal que o seu embalsamamento lhes dá um aspecto de vida suficiente para que os quadros compostos pelo príncipe com a ajuda dos seus especímens, tenham uma verdade eloqüente, sejam uma reprodução do mais alto valor documental das remotas paragens exploradas pela sua sêde de cultura. Portugal possui também uma colecção única no mundo. A colecção de insectos tropicais do padre Anchieta. Representa uma vida inteira de abnegação. Por isso em Portugal se pode avaliar bem do valor da obra de coleccionista do Duque Filipe de Orléans.

Os animais estão, no museu de Paris, dispostos de maneira análoga à que tinha sido empregada para os expôr na Bélgica. Apresenta-se a colecção sob a forma de dioramas de grandes dimensões que nos oferecem um aspecto, tão exacto quanto possível, dos países onde foram colhidos os exemplares da flora e da fauna ali representados. Os animais não são empalhados. Escultores animalistas especializados modelaram, em gêsso, os bichos de cujos despojos se dispunha, revestindo-os depois das peles, chifres e unhas, dentes, etc., trazidos dos longínquos países de origem. Para isso, o príncipe levava consigo, em tôdas as suas excursões, um taxidermista notável, encarregado de, *in loco*, esfolar as peças de caça e dar o primeiro preparo às peles.

Na colecção há numerosos animais de extrema raridade; o carneiro polar, o leo-

LEÕES CAÇADOS NO MEIO DIA PELO DUQUE DE ORLÉANS, NA REGIÃO MASSAÏ DOS GRANDES LAGOS, AO SUL DA UGANDA. OS LEÕES ESTÃO COLOCADOS COMO SE FÔSSEM ACOSSADOS PELOS CAÇADORES QUE OS CERCAM, AO TEMPO QUE DESPERTAM, TAMBÉM, UMA HIENA AMODORRADA NO MATO

pardo dos gelos, o *balœniceps rex*, das margens do Nilo, raças que se consideravam extintas. Depois, para o conjunto, muitos milhares de exemplares perfeitíssimos, centos de árvores, milheiros de arbustos, simulacros cenográficos, maravilhosos, de riachos, pântanos, rochedos, selvas e gelos polares. Numa palavra, um espectáculo que, além do seu valor documental e didáctico, se pode considerar como um dos mais belos e maravilhosos do mundo inteiro.

Além dêstes dioramas gigantescos há também reconstituições liliputianas de episódios de caça ao elefante e de grandes explorações e caçadas em África. Uma das salas é a reprodução exacta dos beliches do corta-gelos *Bélgica* em que viveram o príncipe e o seu companheiro de 35 anos de aventuras, o doutor Récamier, que ainda vive, em Paris. A êste homem de ciência, dotado de um fino sentimento de artista, se devem também, em grande parte, as composições dos grupos de animais dos dioramas que são sempre harmoniosas e elegantes, além de um verismo verdadeiramente flagrante e fiel.

Uma vida inteira de heroísmo pessoal, de abnegação e de patrióticas intenções empregou nesta bela missão educativa o Duque Filipe de Orléans que, com nobreza e orgulho de raça, pagou a proscrição do solo pátrio com a principesca dádiva de tudo quanto possuía à terra ingrata.

Magnífico exemplo para os homens e para os príncipes... Bem haja o nobre e altivo *Príncipe Perfeito*.

Geraldo Geraldes.

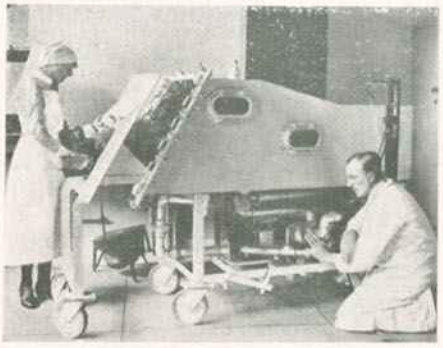
ANTÍLOPES QUE VÊEM, DE MADRUGADA, BEBER ÁGUA E PASTAR NOS PÂNTANOS DO BAHR EL GHAZAL. (*No primeiro plano, o «Korrigum», no segundo, à direita, de costas, o «Bubal». Ao fundo, o antílope dos pântanos. A vegetação, «Papirus» (à esquerda) e «Kram-Kram», gramíneas exóticas, também trazidas pelo duque*)

PELO MUNDO FÓRA

MAURA EM FÓCO

Às sensações imprevistas com que abriu o novo ano, vem juntar-se o discutidíssimo discurso de Maura, verdadeiro e desassombrado ataque aos processos praticados pelos partidos da esquerda, e rigido apêlo dirigido aos partidos conservadores para colaborarem na unificação da República espanhola. Por outro lado, surpreendeu fundamente o repto lançado a Lerroux para que *falasse claro*, ao que êste declarou que em Fevereiro a tudo responderia. Até que ponto conseguirá a personalidade de Maura influir nos ânimos exaltados de alguns espanhóis, encaminhando-os não só para a unificação, como para a consolidação de um regime que deve, na amplitude de uma grande liberdade, mas ainda assim relativa, terminar com as sempre condenáveis lutas fratricidas?

UM NOTÁVEL INVENTO



No Hospital de S. Bartolomeu realizou o professor Drinker notáveis experiências com êste aparelho destinado a facilitar a respiração a doentes em quem o coração e os pulmões começavam a fraquejar muito.

REPETE-SE A VIAGEM DE COLOMBO

O capitão espanhol Júlio Guillen dispõe-se a repetir, numa bela evocação do passado, a viagem transatlântica de Cristovão Colombo a bordo de uma embarcação, cópia fiel da caravela *Santa Maria*, e com a ajuda de uma tripulação de vinte e cinco marinheiros. A âncora pertenceu à primeira caravela *Santa Maria*, sendo uma relíquia histórica de grande valor.

Será curavel a cegueira?

Contra tôdas as doenças tem tentado reagir o homem. Todos os males tem procurado combater. Aqui temos nós o dr. Clamagion, de Atenas, que se empenhou em tornar a dar a vista aos cegos. Para isso inventou um aparelho experimentado há pouco em Londres, que, se não deu resultados absolutamente positivos, permite, contudo, que esperemos para o futuro, e ao cabo de novos estudos e aperfeiçoamentos, que o distinto clínico grego alcance êsse seu ideal verdadeiramente humanitário.

POBRES CÃES!

É de lamentar o número de *vítimas caninas* que se registam, anualmente, em Londres. Calculam-se em cêrca de dez mil, ou seja dois e meio por cento do total de cães existentes na Inglaterra. A Sociedade Protectora dos Animais Londrina tenciona intervir, e houve, dizem, certo merceeiro inglês que exclamou:

—Só a mim é que ninguém me favorece, atropelando-me os *cães!*

WILLIAM DYKE

Deve a maioria dos nossos contemporâneos desconhecer o grande animador e reformador do jôgo de *lawn-tennis*, William Dyke foi, efectivamente, quem inventou a nova fase daquele desporto, criando os *courts* especiais em que, actualmente, é jogado, e refundindo e racionalizando as suas regras. Muito modesto, muito entregue ao seu ideal, William Dyke, faleceu há pouco em Inglaterra ignorado, certamente, pela maior percentagem dos *tenistas* que nele perderam um grande valor.

FALA UM PRETO

Leonel Attuly, um elemento da colónia negra de Paris, declarou, na *Revue du Monde noir*: «Há três fases decisivas na vida de uma mulher: conquistar um homem, domá-lo e chorá-lo. Da mesma forma, na vida do homem existem três fases capitais: amar a mulher, amar uma mulher, amar as mulheres».

UM PALÁCIO PARA A S. D. N.

Terminado o concurso para a aprovação de um projecto destinado ao futuro palácio da Sociedade das Nações, foi escolhido aquele representado na gravura que reproduzimos abaixo. O orçamento para a sua edificação foi calculado em um milhão de libras.

UM NOVO PROJECTOR

O major inglês, Jack Savage, notável personalidade que se empenhou no estudo dos diferentes meios de defesa contra tôda a qualidade de ataques aéreos, inventou, recentemente, um potentíssimo projector que dispõe de uma intensidade luminosa de 3.000.000.000 de velas. Quere isto dizer que, com êle, o major Savage consegue, à distância de cinco mil milhas, iluminar suficientemente qualquer recinto onde se poderá ler perfeitamente um jornal. A luz passa por um conjunto de trezentas lentes e é projectada, simultânea e paralelamente, por meio de trezentos raios luminosos sôbre uma lente complementar que os reúne num foco colossal. Tôda a aparelhagem está montada sôbre um vagão de caminho de ferro que compreende, por igual, a estação geradora da corrente eléctrica.

MADAME VAI AO BARBEIRO

As senhoras vão, actualmente, ao cabeleireiro e já ninguém se admira que cortem o cabêlo... O que constitui facto original e dará azo a espanto, é a fôrça de barba das mulheres que habitam a região do Lot e da Garonne, em França. Possui o sexo fraco ali um ornato piloso, tão forte e tão hirsuto, que se vê obrigado a ir ao barbeiro rapar a cara. Por lá já ninguém se admira do facto, e muitas senhoras têm até certo orgulho nas magestosas guias dos respectivos bigodes. Porém que ninguém até agora conseguiu averiguar é a razão do fenómeno. Sabe-se sòmente, que quanta mais barba têm, tanto mais sofrem de diabetes, e isto é mais um pormenor a lamentar na integridade estética de tão notáveis quão barbudas cidadãs.

NOTAS E ACTUALIDADES

A reconstituïção do ministério francês

Teve mais fácil solução, do que a princípio se supunha, a crise do Ministério francês que apresentára a sua demissão colectiva ao presidente Doumer. Laval, que já colaborara no último gabinete sobraçando a pasta dos Estrangeiros, dada a atitude dos radicais que foram de opinião que o Ministério, de facto, não deveria ser considerado em crise, foi encarregado da nova formação, havendo constituído, sob a sua presidência, um Ministério de que fazem parte: Cathala, Tardieu e Fould. O actual presidente do gabinete continuará com a pasta dos Negócios Estrangeiros.

HIDROPLANO SEM MOTOR

Realizaram-se em Londres, com grande êxito, as experiências do primeiro hidroplano sem motor. Para conseguir a descolagem empregou-se um *gasolina* que rebocou, a grande velocidade, a aeronave. A descida sôbre a água, após um vôo planado de cêrca de meia hora, verificou-se com tôda a normalidade.

UMA BOMBA CONTRA O MIKADO

O imperador do Japão acaba de ser alvo de um atentado de que saíu ileso. No regresso de uma parada militar em Tóquio e quando a carruagem, que transportava o Mikado Hiroluto, passava debaixo do arco de Sakrudamon, explodiu uma bomba entre as patas de um dos cavalos. A polícia prendeu, imediatamente, o autor do atentado, um coreano chamado Rihosho, em cujo poder encontrou ainda outra bomba. Se bem que o motivo do atentado ainda não tenha sido esclarecido, presume-se que êle se baseie no movimento de independência que se manifestou na Coreia instigado pela propaganda nacionalista.

A Alemanha não quere ou não póde pagar?

Causou profunda impressão o comunicado do chanceler Brünning. Ainda que alguns *projetas* o tivessem antevisto, na verdade, todo o mundo pasmou ao saber que o chanceler do *Reich* declarara: *A Alemanha não pode pagar as suas dívidas de reparações!* Eis aqui um problema da máxima importância internacional de conseqüências que a fantasia de cada um poderá interpretar a seu modo. Seja como fôr, e mesmo perante a diplomacia de Brünning que se apressou a explicar que se a Alemanha não pagava não era porque não quisesse, mas, essencialmente, porque não podia, é natural que os pacíficos espectadores que, de longe, assistem ao desenrolar do filme dos acontecimentos mundiais, olhem com receio as pesadas núvens que se amontôam no espaço e partam em busca de um abrigo ou de um guarda-chuva... Que solução dará a próxima conferência de Lausana a esta atiude da Alemanha, apoiada por todos os partidos políticos daquele país?

EM SOCORRO DO TEATRO

Digam lá que Mussolini não é um homem de expediente e de boas ideias! Na Itália, como em todo o mundo, o teatro atravessa uma grave crise, e como o célebre *Scala* de Milão, não conseguia os meios necessários para subsidiar os seus gastos, o Duce decretou, muito simplesmente, que todos os cinemas italianos concorressem com uma pequena percentagem sôbre os seus ganhos diários para que o mais célebre teatro de ópera da Itália, e porventura do mundo inteiro, possa continuar com as suas portas abertas.

EM MEMORIA DE AMUNDSEN

Foi entregue pela Sociedade de Geografia Italiana à sua congénere em Oslo, um busto do malogrado explorador Roald Amundsen, modelado pelo escultor W. Sever. É uma explêndida obra de arte, que foi colocada, solenemente, na sala de honra daquela Sociedade.

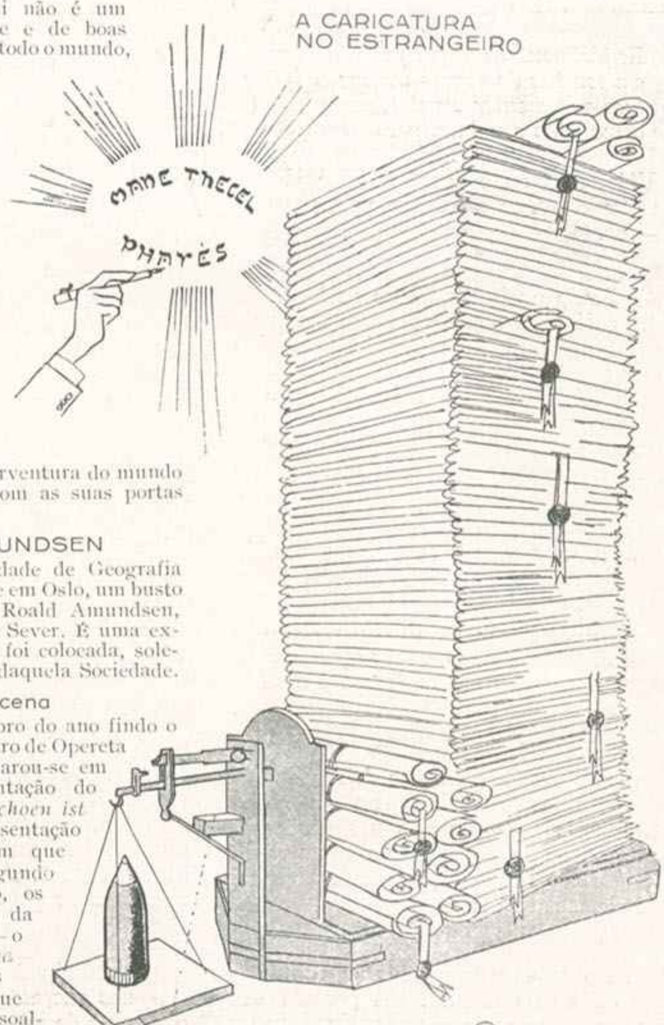
LEHAR, carpinteiro de cena

Na noite de 31 de Dezembro do ano findo o pessoal do palco do Teatro de Opereta em Viena de Austria, declarou-se em grève durante a representação do primeiro acto da opereta *Schoen ist die Welt*. Para que a representação pudesse continuar, tiveram que mudar o cenário para o segundo acto, o director do teatro, os actores e o próprio autor da partitura, Franz Lehar — o imortal compositor da *Viúva Alegre* e de outros tantos sucessos do teatro ligeiro — que naquela noite dirigia pessoalmente a orquestra! Pobre Lehar! ao que uma pessoa está exposta...

PIANISTA DE SEIS ANOS

Tem causado um indiscritível sucesso em Berlim, a jóvem pianista Ruth Slenczynski que conta, sòmente, seis anos de idade. A pequena artista executou entre imensos aplausos de um escolhido auditório, um concerto em que avultavam composições da maior responsabilidade de Liszt, Schumann, Dvorak, Ravel e outros, tendo causado sensação.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



OS TRATADOS AINDA NÃO PESAM SUFICIENTEMENTE...

Solilóquios e Comentários

SÉCULO extraordinário o nosso, em que sucedem as mais extraordinárias coisas. Está, no estrangeiro, prêso um químico que pretende fazer oiro sintético. Enquanto o não faz devora milhões de notas que representam oiro e sintetisam na vida tudo — manjares, confortos, lutas, ambições, mulheres, prazeres, etc.

É possível que a sua máquina não arranque oiro aos metais, mas não é menos certo que ela o tem arrancado aos homens crédulos que querem ainda mais oiro — sem saberem se isso os iria tornar ricos como Cresus, ou pobres como Job.

*

ABRO hoje, por acaso, o António Ribeiro, *Chiado*, e leio:

Maldito seja o varão
que em outro varão se fia,
pois carece de razão.

continuo a ler:

Exp'rimentai um amigo
em tempos de vossos males;
foge-vos montes e vales,
como dum seu inimigo.

Vêjo, com certo desgôsto, que já no século XVI se escreviam palavras cínicas.

*

S. Paulo queima milhões de sacas de café para que o café não desça do seu preço, o preço que lhe deram os homens que têm café à discreção. E, entretanto, há tanto milhão de homens que não possuem sequer com que levar aos lábios uma chávena do líquido negro que é, ao mesmo tempo, veneno e tónico dos mortais!...

*

HÁ pessoas que nunca na sua vida fizeram bem. Não conhecem a Ingratidão.

.....

E não sabem que o sabor agri-doce da Ingratidão compensa largamente a miséria de ter feito bem.

*

FERNÃO de Oliveira, no *Livro da fabrica das naus*, diz que a «industria dos homẽs quanto mays usa das artes tanto mays perfeyções lhe acrecenta». E, já dizia o clássico, que o Interêsse é grande mestre em artes.

*

NÃO vale a pena confundir popularidade com talento. Há pessoas que são populares e que não possuíram nunca outro talento senão o de se tornar conhecidas.

CAMILO, no 3.º volume das *Novelas do Minho*, escreve: «Em Espanha, as mãos tingidas de sangue de homem ou de touro nunca horrorisaram ninguém. Ali, o sangue humano e o chocolate são dois artigos nacionais». Passaram já muitos anos e agora parece que os espanhóis estão apostados em lhe dar razão.

*

AO pé de mim discute-se o jôgo. Gente que ganha, gente que perde, e um dos interlocutores interpela-me: — E V. não joga? Digo-lhe que não. E recordo as palavras de Brito Camacho, nas *Impressões de viagem:* — «Não é que me repugne ganhar; mas faz-me alguma diferença perder, e isto de sorte é uma coisa que eu só conheço de nome, pois nunca topei no meu caminho com tão ilustre e caprichosa dona».

*

O Brasil, que é um grande e extraordinário país, que nós não conhecemos bem, o que não admira, porque nem os próprios brasileiros se podem ufanar de tal, poderia muito bem construir em Lisboa um grande palácio que fôsse a Casa do Brasil. Ali mostraria os seus livros, os seus quadros, as suas esculturas, os seus produtos regionais, faria ouvir as suas músicas, diria do seu esfôrço hercúleo e das suas ambições futuras. Poderia fazer isto como poderia fazer do nosso pôrto o seu entreposto de irradiação comercial por essa velha Europa, muitas vezes secular. Porque o não faz? Porque prefere chamar a atenção sôbre si nos grandes centros, como Bordeus, Paris ou Hamburgo? Parece-nos má visão política. Êsses grandes centros, não podendo dar nada sob o ponto de vista cultural, podem receber, visto que a língua é outra e outro é o espírito da gente. Nós, não. Nós é que podemos dar e receber, sem desprimor, em igualdade de circunstâncias. O Brasil é grande e populoso? Mas Portugal tem um império colonial, que é enorme, e o português, mercê do seu esfôrço e do seu trabalho presente, é falado nas cinco partes do mundo. Que mal seria o de haver uma grande casa do Brasil em Portugal, se há tantas casas portuguesas no Brasil?!...

*

UM embaixador, entrando de repente nos aposentos de Henrique IV, encontrou-o de gatas, com o filho às cavalitas, e disse-lhe, ou se o não disse é como se o dissesse: — «Suspenda o seu juízo até ser pai». Já o mesmo tinha dito Agesilas.

Êste pensamento têm tido alguns autores ante a ferocidade dos seus críticos. Mas os críticos não se comovem e, quando depois andam de gatas, já não se lembram de que foram críticos.

*

QUANDO alguém se comove com a desgraça alheia é que se lembra da sua fragilidade. Quási tôda a gente que dá esmolas é com o fito de que a esmola que dá lhe não falte se dela vier a precisar. Não deu esmola. Emprestou a juros.

*

TÊM dito muito mal de mim. Têm-me chamado muitos nomes. Ao princípio admirava-me. Um dia, lendo a *História do Cêrco de Diu*, achei a explicação do caso. Diz Lopo de Sousa Coutinho: «porque cousa é mui costumada em os portuguezes offenderem seus inimigos com as cousas impossiveis, quando as possiveis lhes faltam». E pensei logo dos meus inimigos: São portugueses, pelo visto. E logo confortado: E de que raça!...

*

GIL Vicente escrevia:

E segundo são os tempos,
Assi hão de ser os tentos,
Pera saberdes viver.

Já era assim antes dêle. Vê-se que no seu tempo era assim. Hoje não mudou. O Futuro pertence ao Diabo visto Deus tér dito que não está para que o massem, sem embargo de ter inventado o Homem que faz o cariz aos tempos e lhe ajusta depois os tentos.

PROSA ALHEIA

AFIRMAVA M.me Sevigné que «quem desejar ter amigos precisa estimá-los com os seus defeitos.» Um gato que eu tenho e que é danado para filosofar comentou quando ouviu: «Tem graça. Tôdas as donas de casa dizem essa coisa profunda a respeito das criadas.»

*

Vischun-Scharma disse que «a felicidade consiste em não ter inquietações.»

.....

Cada dia que passa mais o homem se afasta dela.

*

«Em arte, quem pára, morre», diz Fialho de Almeida.

.....

É por isso que vivemos entre defuntos.

Albino Forjaz de Sampaio.

O FUNCHAL :: E O SEU :: JORNALISMO

VEUILLOT, o grande mestre do jornalismo e da crónica, observou, um dia, que as populações extra-metropolitanas são as que se consagram mais cativadamente aos periódicos, lendo-os com atenção e vendo espelhadas nas páginas as suas características demográficas, o seu desiderato político, o seu direito a participar do certame, sempre vasto e difuso, da progressividade nacional.

Verifiquei que assim era, na minha recente estada na Madeira, cujos habitantes letrados se entregam com evidente prazer à leitura do jornal preferido.

Êste caracter amistoso do público madeirense em relação á sua imprensa tinha de sugerir-me o registo de notas que vou aqui reproduzir e serão queridas dos leitores do

MAJOR REIS GOMES, DIRECTOR DO «DIÁRIO DA MADEIRA»

arquipélago imponente. As referidas anotações teem, todavia, de ser restritas ás suas significações gerais mais interessantes, pois que dos seus detalhes secundários, aliás dignos de estampa, não pode fazer-se eco esta revista, dadas as condições de relance em que teem de exibir-se as faces do seu texto variado.

*

Conforme deixo apropositado na citação de Veuillot, a vida do Funchal tem sido, de ha muito, intimamente vinculada á sua imprensa diária. Portanto, aludir á vida, ao caracter e á influência desta será, de certo modo, proporcionar ao leitores do continente muitos dos elementos capitais da monografia madeirense.

Os jornais funchalenses são quatro. O mais antigo, o *Diário de Notícias*, fundado em Outubro de 1876 pelo cónego Alfredo César de Oliveira, venceu o seu cinqüentenário numa conduta de prosperidades obtidas vitalissimamente. Para êste resultado teem concorrido êstes vultos ilustres, nomes de sobranceira consideração social, que veem exercendo, sucessivamente, o encargo de dirigir a sua publicação: Alexandre Fernandes Camacho, Tristão Vaz Teixeira Betencourt da Câmara (Barão do Jardim do Mar), João Eleutério Martins, Eduardo Fernandes Alves, Francisco da Conceição Rodrigues, Feliciano Soares e dr. Alberto de Araujo. A êste moço advogado e jornalista, seu actual director, se deve a valorização do jornal na categoria de um órgão-base de opinião pública, a qual corresponde, no entanto, a uma prestigiosa fôrça de tradição que sempre fêz do *Diário de Notícias* um orientador respeitado. Ao mesmo tempo, o distinto jornalista fá-lo influenciar-se das nervosas contingências e do ritmo pressuroso da hodierna vida social.

A sua existência ininterrupta de mais de meio século ligam-se fastos de grande imprensa, dentro do jornalismo insular. Diversos elementos teem contribuido para êsse título maior. Entre os de ordem individual contaram-se Luís de Ornelas Pinto Coelho, Ciriaco de Brito Nóbrega e Feliciano Soares; e contam-se, actualmente, em colaboração efectiva, os srs. tenente-coronel Alberto Artur Sarmento, Adolfo de Noronha, reputado naturalista; padre João Vieira Caetano, dr. João Ferreira, cónego Manuel Francisco Camacho, dr. Horácio Bento de Gouveia, cónego Homem de Gouveia, Ramon Rodrigues, dr. Vicente Rodrigues de Gouveia, Jaime Câmara e dr. Elmano Vieira, prosador interessantíssimo, com uma pena rica de dutilidade e de côr.

O seu corpo redactorial compõe-se dos srs. José da Silva Coelho, um periodista que ama a sua profissão e a dignifica a poder de dotes de inteligência e de carácter; Henrique Pereira, profissional moderno, de invulgares aptidões; e José Alfredo Camacho, temperamento da vivacidade curiosa e laboriosa.

O ex-director sr. Feliciano Soares é o corresponden te na capital. O critério da direcção, quanto à missão da Imprensa, perante a crise eco nómica em que se debate agora o ar quipéla-go, formu la-se nes-tes ter mos: «Há que ter con fiança e

DR. LUÍS VIEIRA DE CASTRO, DIRECTOR DO «JORNAL»

trabalhar ardentemente pelo ressurgimento das actividades que constituem a base de tôda a economia madeirense, atraindo à acção particular a protecção dos poderes públicos. Os magníficos vinhos da Madeira precisam ser ainda mais conhecidos em todo o mundo. As nossas belezas naturais e as nossas excepcionais condições climatéricas carecem, igualmente, de ser propagandeadas através de uma intensa publicidade internacional. Urge dar à navegação o maior número de vantagens, para, assim, poder ser vencida a concorrência das Canárias».

São diversos os empreendimentos de jornalismo esforçado que rebrilham na existência do *Diário de Notícias*, do Funchal. Entre êles, porém, cita-se um, dos últimos tempos: A reportagem efectuada durante o movimento revolucionário que, em Abril dêste ano, eclodiu na Madeira.

Dados complementares sôbre o jornal em

DR. ALBERTO DE ARAÚJO, DIRECTOR DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

referência: Tiragem, 5.400 exemplares — a maior da imprensa madeirense; quadro de impressão e composição, 28 operários, sob a direcção do hábil gráfico sr. Carlos Passos Fernandes; número de páginas, aos domingos, terças e sextas-feiras, 6; e nos restantes dias 4.

*

O segundo periódico, em antigüidade, é o *Diário da Madeira*, cuja fundação data de 1 de Janeiro de 1912, tendo sido seu director, até fins de 1913, o redactor principal, sr. Francisco Bento de Gouveia, a quem sucederam, no cargo directivo, o dr. Juvenal de Araujo, advogado, professor, antigo deputado da Nação cujos discursos evidenciaram sempre o quilate da sua cultura e o *elan* do seu patriotismo; e o major sr. Reis Gomes, antigo professor liceal, director da Escola Industrial funchalense, figura de magno coturno sob o ponto de vista mental — escritor primoroso, decisiva autoridade em crítica de arte, jornalista elegantíssimo — que nos meios literários do continente ocuparia, de direito, uma das situações mais brilhantes.

É sob a sua direcção que o *Diário da Madeira* agora vive a sua fase plena.

Um dos seus colaboradores mais apreciados foi o dr. Eduardo Antonino Pestana.

O Diário da Madeira, que é independente de tôdas as facções políticas, votando-se, de preferência, a tudo o que possa engrandecer a importância económica, regional e turística daquela ilha, tem um caracter acentuadamente noticioso, patenteando-se sempre na sua feitura a boa estirpe profissional do seu quadro de redacção, constituído por José Cruz Baptista Santos, o chefe, de uma vasta experiência de jornalismo moderno, *doublé* de poeta encantador; dr. Álvaro Reis Gomes, secretário da Direcção, ilustre ornamento do meio intelectual insulano, professor da citada escola industrial e advogado; Raúl Teives, dedicadíssimo ao mais perfeito cumprimento da sua missão; Teodoro Correia, cooperador valioso e também poeta muito apreciado; João Fernandes da Rosa, auxiliar de constante utilidade; e Alberto Mesquita, um continental que é um «reporter» invencível em diligente oportunidade. O correspondente na capital é o sr. Bettencourt da Câmara, cuja colaboração, junta a outros subsídios efectivos, faz com que o *Diário da Madeira* tenha a melhor informação telegráfica da imprensa portuguesa — excepção feita, é claro, dos periódicos de Lisboa e Pôrto.

Nas grandes reportagens desportivas (como a dos desafios futebolísticos Portugal-Espanha e a dos Jogos Olímpicos) tem sempre marcado o primeiro lugar. Também foi êle o cotidiano funchalense que, primeiro, obteve as mais emocionantes notícias da Grande Guerra, divulgando-as em *placards* que, todos os dias, alimentavam a infinita ansiedade pública. O informe sôbre a assinatura do Armistício apareceu nos referidos *placards* com uma antecedência de 24 horas sôbre o telegrama da comunicação oficial. Ainda foi êle o jornal madeirense que, primeiramente, noticiou a nova da chegada de Gago Coutinho e de Cabral ao Brasil.

Bem redigido, palpitante, ligeiro, variado, o texto do popular jornal comporta-se em números dominicais de 8 páginas, mòrmente no inverno; de 6 ou 7, às quintas-feiras e de 4 nos outros dias.

As primeiras necessidades regionais são, em seu parecer: «Intensificar a exportação dos vinhos; melhorar as condições da agricultura e da indústria sacarina; procurar novos mercados para a tradicional indústria dos bordados, aperfeiçoando-lhe a produção a fim de se defender o seu crédito; promover o desenvolvimento da exportação de frutas e de obras de vimes.»

*

Em substituïção do *Jornal da Madeira* que, tendo sido fundado em 1924, fôra suspenso dois anos e meio depois, apareceu no dia primeiro de 1927 *O Jornal*, também, como o substituído, debaixo da direcção do sr. dr. Luís Vieira de Castro, filho do fundador de ambas as respectivas emprêsas, o banqueiro sr. Henrique Vieira de Castro.

O Jornal, sem ser, a rigor, um órgão político, tem na imprensa madeirense uma nítida posição de defesa das *direitas*.

Enfrentando ponderadamente as actuais vicissitudes na economia da Madeira, a sua direcção proclama como sendo de urgentíssima realização: «Reorganizar as indústrias abaladas por falta de solidariedade dos interessados e por falta de protecção oficial, nal-

DR. ÁLVARO REIS GOMES, REDACTOR DO «DIÁRIO DA MADEIRA»

guns casos; desenvolver o turismo, única possibilidade do renascimento local; difundir a instrução popular e suscitar uma larga e fecunda acção das corporações administrativas, dotando a ilha dos melhoramentos indispensáveis — um pôrto moderno e uma suficiente rêde de estradas.»

Doutrinário e noticioso, a polémica sôbre assuntos de política local vibra, a miude, nas suas páginas, interessando um considerável sector do público, gostoso espectador dos prélios em que se exibem figuras que lhe são familiares. Tal acção prova o ardido temperamento de polemista do sr. dr. Luís Vieira de Castro.

O Jornal regista na sua existência vários triunfos informativos, sendo de salientar o que se relacionou com a catástrofe de Câmara de Lobos.

O Jornal, que é composto por 10 gráficos, dá aos seus leitores, todos os meses, curiosas páginas especiais àcêrca de agricultura, vida feminina, desporto e assuntos de *magazine*, tendo iniciado, ha pouco, a publicação regular de um suplemento de actualidades, profusamente ilustrado e ao qual o seu público vem dispensando um grato acolhimento.

Sendo o cotidiano da Madeira que maior assinatura conta nas localidades rústicas do arquipélago, tenciona a sua empresa desenvolvê-lo no sentido de o lançar mais numerosamente na metrópole e nas colónias madeirenses do estrangeiro.

A sua redacção é formada pelos srs. padre Eduardo Pereira, notável jornalista e poeta consagrado; José Ezequiel Velosa, periodista de excelentes predicados; Carlos Santos, Carlos Ferraz e Abel Marques Caldeira. Quanto a correspondentes, desvanece-se por contá-los em tôdas as povoações da ilha. O de Lisboa é o sr. Satúrio Pires.

*

Ha ainda no Funchal *O Povo*, que é agora um jornal vespertino. Fundado em 1883, como publicação semanal, pelo distinto poeta Ornelas Pinto Coelho, foi depois dirigido por Nicásio Azevedo Ramos, passando a sair diàriamente, em 1910, sob a direcção do sr. dr. Manuel Augusto Martins. Tendo tido duas suspensões, reapareceu, por último, em 17 de Dezembro findo, dirigido pelo sr. Eduardo Luís de Castro, que foi substituido, três dias após, pelo sr. Jaime de Macedo. *O Povo*, que está no 48.º ano de existência, marcou, com a sua nova fase, o ressurgimento do idealismo republicano na Madeira, distinguindo-se pela galhardia com que realiza a respectiva doutrinação. Contam-se, entre os seus colaboradores e redactores, os srs. dr. Manuel A. Martins, Vasco Mimoso, João Noronha, César Pausanias e Octávio de Marialva, todos jornalistas vibrantes.

DA ESQUERDA PARA A DIREITA, OS 1.º, 5.º E 9.º, SRS. ALFREDO CAMACHO, HENRIQUE PEREIRA E SILVA COELHO — DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»; OS 2.º, 3.º, 4.º E 8.º, SRS. FERNANDES ROSA, TEODORO CORREIA, RAÚL PEIXES E BAPTISTA SANTOS — DO «DIÁRIO DA MADEIRA»; OS 6.º E 7.º, SRS. PADRE EDUARDO PEREIRA E CARLOS SANTOS — DO «JORNAL».

Falei, assim, dos quatro principais periódicos da Madeira. Êste é o cumprimento da missão que me foi cometida e que respeita, apenas, a *jornalismo* madeirense, isto é, à vida dos *diários* da ilha maravilhosa. Outras gazetas ali existem, as quais, pelo exposto, não podem ter, aqui, referência. É indispensável, todavia, aludir-se ao periódico único no seu género, actualmente em publicação na Madeira, — *Renhaunhau*, trimensário de caricaturas, elaborado por jóvens humoristas com cintilante espírito, pelo que tem um belo lugar na sua classe.

A imprensa funchalense é, ainda, em número, a mais representativa do nosso país, subentendendo-se a excepção da que se publica nas duas primeiras cidades. Em nenhum dos outros burgos, de imediata importância, existem quatro diários. Isto me leva à conclusão, bem justificativa do presente trabalho monográfico, de que o Funchal possui, essencialmente, um ambiente próprio de jornalismo.

Santos Vieira.

(Fotos Perestrelos — Funchal)

Cinema

Revista das estreias

Entre os últimos filmes estreados, *Marrocos* é, sem dúvida, o mais digno de menção. Trata-se duma obra de Sternberg, realizador dos mais apreciados entre nós, e isso bastaria para o impôr à nossa consideração. Mas, àlém disso, tem a aumentar-lhe o interêsse o facto de ser interpretado por Marlene Dietrich, cuja notável revelação em *Anjo Azul* precisava desta confirmação.

Sternberg é uma das personalidades mais curiosas do cinema actual. Pode afirmar-se mesmo que é um dos maiores animadores presentemente em actividade. A sua melhor qualidade é o vigor do seu estilo. Atinge, por vezes, uma simplicidade geométrica. Não chega nunca a ser árido. Sob a rigidez das suas criações palpita uma vida forte, impetuosa, verdadeira. É o que acontece em *Vidas tenebrosas*, em *Rusga* ou nesse outro filme em que a síntese atinge proporções inultrapassáveis e que se chama *Docas de Nova York*.

Vindo ao fonocinema, Sternberg revelou uma outra qualidade igualmente preciosa e rara — o domínio do som, e, melhor ainda, do diálogo. Em *Anjo Azul* e agora em *Marrocos*, sente-se o artista que conhece o valor do diálogo e encontra para êle o equilíbrio perfeito. Tôdas as frases têm um máximo de intensidade e significação. E o segrêdo dêste resultado está em que, a par delas, não foi esquecida a imensa eloqüência do silêncio. Sternberg revelou-se mestre na arte novíssima de entrecortar silêncios carregados de sugestões com frases sintéticas em que há uma realidade profunda. Isto permite-lhe não se afastar um momento da verdadeira técnica cinematográfica. E enquanto tantos realizadores, embalados pela música das palavras, se deixam prender em diálogos compactos e artificiosos, Sternberg apresenta-nos aquela cena em que o soldado vai pela primeira vez a casa da artista, e que só por si chegaria para dar ao filme foros de obra de arte.

Com tôdas estas qualidades, *Marrocos* está muito longe de ser um filme perfeito. Muitos defeitos lhe podem, de facto, ser apontados. Em primeiro lugar, o de ter sido realizado num estúdio de Hollywood. A arte do realizador é insuficiente para lhe dar horizontes mais largos. Todos os exteriores são acanhados, pelo menos para a concepção usual dos desertos e montanhas marroquinas. Mas ainda aqui a arte de Sternberg fêz prodígios. Todo o filme está banhado numa luz viva, muito difundida, uma luz tropical, que se ajusta tão bem ao ambiente como as tintas fortes, sombrias, donde imergia a acção dinâmica de *Vidas tenebrosas*.

Um outro ponto fraco da obra que vimos apreciando é o desfecho. Nêle, Sternberg oscila perigosamente entre o sublime e o ridículo. Longamente preparado e fácil de prever, portanto, êste desfecho compromete bastante o êxito do filme. E não só porque é absurdo, como porque as últimas imagens se tornam quási grotescas, pena é que Sternberg não tenha optado por outra solução mais lógica do conflito, sem com isso cair na vulgaridade.

Marlène Dietrich representa como só uma artista superior pode fazê-lo. Não há defeitos a apontar-lhe, como não há qualidades a acentuar. O seu trabalho só pode ser apreciado em bloco. É perfeito. Dá-nos uma encarnação ideal. Não é possível imaginar, depois de ter visto o filme, outra qualquer interpretação superior. O que Marlène Dietrich fêz não é susceptível de aperfeiçoamento. É tudo quanto se pode dizer.

A par dela, Gary Cooper tem o principal papel masculino. É o soldado aventureiro, atrevido e sardónico da Legião Estrangeira. Da criação que nos deu, e que é excelente, à vulgaridade grosseira em que poderia ter caído, há um passo, uma subtil diferença apenas. A sua intuição de artista e, principalmente, a direcção forte de Sternberg, evitaram que êste limite fôsse transposto. Por isso, a sua interpretação é correcta.

A Adolphe Menjou coube o papel ingrato de espectador e vítima. Resguardou-se hàbilmente das dificuldades sob a sua elegância tradicional. Mas não pôde evitar que o público não o compreendesse. Para o temperamento luso, a condescendência inferiorizou-o. É pouco conhecido entre nós aquele profundo conceito de que *compreender é perdoar*.

ROSE HOBART E GEORGE RENAVENT NUMA CENA DO FILME «EAST OF BORNEO»

Os coleccionadores de curiosidades não deixarão de ter notado neste filme que Marlène continua a representar acompanhada das suas bonecas e que Sternberg volta a introduzir na acção um gato preto, talvez o o mesmo que já viramos em *Vidas tenebrosas* salvar a vida do personagem interpretado por Georges Bancroft. Êstes factos, de secundária importância, que contribuem para caracterizar alguns artistas têm, na verdade, um certo interêsse.

Quanto a nós, uma outra característica se encontra em tôdas as obras de Sternberg, não menos digna de observação. Os personagens dos seus filmes surgem invariàvelmente dum passado obscuro, ignorado, e terminada a acção voltam a sumir-se para desconhecidos destinos. A acção dos seus filmes é um relancear de olhos sôbre existências que se cruzam. É o que sucede com Amy Jolly, a artista de variedades de *Marrocos*, ou com Tom Brown, o soldado atrevido por quem ela se apaixona. O que se sabe àcêrca das tremendas desilusões sofridas por essa mulher e a que se fazem apenas vagas alusões no diálogo? Que agonias morais deram origem à filosofia brutal e sarcástica do soldado? Nada se sabe, como nada se fica sabendo do destino que os aguarda no deserto, entre núvens de areia.

É o mesmo se poderia dizer do extraordinário bandido de *Vidas tenebrosas* ou do fogueiro que, após vinte e quatro horas de paragem nas *Docas de Nova York*, parte a caminho de outros portos, de novas aventuras.

Há em *Marrocos* um achado feliz que atenua o mau efeito da cena final. Referimo-nos ao som que completa esta cena — o sibilar furioso do vento sôbre a planície imensa de areia. O *crescendo* magnífico dêsse sibilar constitui um dos mais felizes e expressivos remates que conhecemos em cinema sonoro.

Saüdade, que se exibiu no Royal e no Palácio, é um filme bem interpretado, construído sôbre um argumento dramático à boa maneira antiga.

Aparte os defeitos inerentes a êste, o filme apresenta-se realizado com grandeza e é excelentemente interpretado. Ann Harding tem um papel notável, e Clive Brook e Conrad Nagel secundam-na bem.

Nicolas Rimsky reapareceu em *Nos lábios... não!*, adaptação ao cinema duma opereta célebre. Abundam por todo o filme as situações de excelente bom-humor para que muito contribui o desempenho do popular comediante. O curioso entrecho de *Pas sur la bouche*, foi integralmente aproveitado no sentido de obter um máximo de comicidade. A música, que nêle tem uma parte importante, agrada sem restrições. O seu sucesso foi, portanto, inteiramente justificado.

Anny e os carteiros foi outra comédia apresentada, espicaçando a nossa curiosidade com a tentadora promessa dum novo trabalho de Anny Ondra. Esta produção da interessante actriz está, porém, abaixo do nível dos seus filmes anteriores. O argumento, conquanto dê origem a uma série de situações de boa comédia, não é de todo feliz, só nas últimas partes atingindo alguma intensidade. O próprio trabalho de Anny Ondra está abaixo de interpretações anteriores, entre outras a da inesquecível *Mam'zelle Nitouche*.

Manuel L. Rodrigues

NOTA DA QUINZENA

Motivos cinematográficos

Pitoresco, característico e nacionalismo, são vocábulos que têm, entre nós, uma acepção tão espalhada quanto distante da verdade.

Se a qualquer português de cultura mediana se preguntar o que há de pitoresco, de característico, de retintamente nacional em Portugal, êle apontará, segundo tôdas as probabilidades, o fado. Se insistirmos, irá até às ruelas de Alfama ou recordará as touradas e os costumes vianenses.

Há pitoresco, há características portuguesas em tudo isto? Incontestàvelmente. Mas não só não é isto o que melhor nos pode definir e dar carácter aos olhos de estranhos, como ainda, em arte, o pitoresco e o característico devem, no nosso entender, ter manifestações mais elevadas.

Aplicado o que dizemos ao cinema, segue-se que a produção nacional tem que fugir ao fado, à viela típica, com que não se caracteriza um povo, mas sim a sua depressão material e moral.

A Severa *justifica-se por si própria, por isso que foi a primeira obra no seu género. Outro filme idêntico, com o mesmo cenário, o mesmo pitoresco, seria uma repetição inútil. Daí por diante, uma monotonia perigosa.*

Porque não hão-de os filmes portugueses ter característico pelo seu estilo, em vez de, apenas, pelos seus motivos de decoração e pelos compassos neurasténicos do fado revelarem a sua origem?

Não valeira a pena tentar fórmulas novas, ensaiar ideias modernas, em vez de exibir ambientes e costumes — embora pitorescos, numa acepção restrita do termo — dentro de moldes repisados e envelhecidos?

Jeanette Mac Donald, a bela protagonista da *Parada do Amor*, assinou, há tempo, em Paris, com a Paramount, um contrato pelo qual tomará parte em dois filmes ao lado de Maurice Chevalier. O primeiro dêstes filmes intitular-se-á *Uma hora contigo* e deve começar a ser realizado por êstes dias em Hollywood.

Uma decepção para muitas cinéfilas:

Respondendo há tempos perante um tribunal por um choque de automóveis, Ramon Novarro, o simpático Ramon de *Ben-Hur*, confessou, para se desculpar do acidente... que tinha bebido um pouco demais.

Naquela tarde precisou-se no estúdio de alguém que interpretasse os papéis de pai e mãi de Leila Hyams. Os pais desta, que por acaso são contratados da mesma empresa, requereram os papéis que na vida lhes competem por direito natural. Pois foram-lhes recusados, por não terem o tipo adequado.

Um actor acabado de contratar para interpretar o papel de Jim Thorpe, campeão olímpico de fama mundial, foi enviado à secção de caracterização para sofrer os necessários retoques.

Depois de longamente submetido aos cuidados do especialista, o novo actor preguntou, mirando-se ao espêlho:

— Parece-lhe que não posso passar sem êstes traços debaixo dos olhos?

A «PANDILHA», FAMOSA PELAS SUAS TRAVESSURAS, NUMA ANIMADA EXCURSÃO CAMPESTRE

— Certamente que não — volveu o caracterizador. — É indispensável que se fique parecendo o mais possível com Jim Thorpe.

Após um silêncio, o actor declarou com voz serena:

— Perfeitamente. Eu sou Jim Thorpe...

E falava verdade.

O regresso de Pola Negri ao cinema parece assegurado depois do êxito que alcançou em *A woman commands*, e que deve, segundo tôdas as probabilidades, valer-lhe um bom contrato.

Pola é considerada a mais caprichosa das actrizes e os seus nervos levam-na, em geral, a insultar o realizador. Embora as necessidades de garantir de novo uma situação a tenham feito modificar bastante o seu génio, Pola não pôde evitar há pouco tempo, quando da sua estreia no fonocinema, uma violenta discussão com o seu director.

Mas desta vez estava lá o microfone e o registo dessa cena não ensaiada divertiu durante muito tempo o pessoal do estúdio.

Mata Hari, o novo filme de Greta Garbo, vai, segundo parece, deixar na sombra tôdas as anteriores produções da *estrêla* sueca. A famosa actriz contracena neste filme com Ramon Novarro, e por aí se pode calcular o enorme movimento de curiosidade que em seu tôrno se está fazendo.

A Sociedade Protectora dos Animais norte-americana vem protestando, há muito tempo, vigorosamente, contra certas barbaridades infligidas aos animais nos filmes.

E os seus protestos são mais do que justificados. A fim de preparar quedas espectaculosas, os cavalos são espicaçados a ponto de se precipitarem em abismos. Os gatos assanhados de que as fitas cómicas fizeram grande consumo, eram reduzidos a êsse estado atiçando contra êles um cão. E outras barbaridades semelhantes se praticam.

Parece demonstrado que tôdas essas crueldades podem ser evitadas, sem que a arte e o realismo sejam sacrificados por isso.

No país da «lei sêca»:

Num cinema americano corria um filme em que um sábio trabalhava no seu laboratório rodeado de provetas e retortas. No silêncio absoluto da sala, pôde então ouvir-se, distintamente, uma voz de criança, que dizia:

— Olha, mamã! Parece o papá a fazer cerveja!

A «Metro Goldwyn-Mayer» pôs recentemente em cena um filme dedicado ao Natal e que tem o título *A Christmas Party*. Quási todos os artistas desta empresa nêle tomam parte, entre outros, Norma Shearer, Marion Davies, Marie Dressler, Wallace Berry, Ramon Novarro, Leonel Barrymore, Clark Gable, etc. Jackie Cooper, o jóvem actor de 8 anos que a Metro revelou, terá o papel principal, e num papel insignificante exibir-se-á também sua mãi, que pela primeira vez se apresenta no *écran*.

Fazemos votos para que a sua exibição não deixe de se fazer entre nós, dado o interêsse que um tão numeroso conjunto de *astros* não pode deixar de despertar.

CRISE ARTÍSTICA

A decadência do cinema

e a tirania de Hollywood

Como tôdas as indústrias do mundo inteiro, a indústria cinematográfica está em crise. A produção em Hollywood sofreu uma considerável redução. E o mesmo acontece nos restantes centros cinematográficos mundiais. Acabaram-se, até certo ponto, os tempos áurcos dos artistas norte-americanos. Os contratos de fabulosas cifras passaram a constituir apenas saüdosas recordações.

Paralela com esta crise económica, que ameaça ir baixando cada vez mais o nível do espectáculo de maior expansão, desenvolve-se uma outra que com ela se relaciona em muitos pontos, tendo, contudo, causas mais profundas — a crise artística.

Para quem ao cinema dedica um interêsse real, é doloroso reconhecer que o nivel artístico das produções cinematográficas baixa nitidamente há alguns anos.

Mesmo excluindo as modificações produzidas na evolução da arte pela introdução do som, o facto, é evidente. E para os que suponham que exageramos, passaremos em revista o nível médio do produção mundial.

Na América, o declínio artístico é insofismável. Como acima dissémos, êste declínio é independente das perturbações provocadas pelo sonoro. Já muito antes a produção cristalizara numa relativa perfeição técnica, em que não é possível descriminar vestígios de qualquer evolução. Para mais, o absurdo sistema de *estrêlas*, em que o artista serve de eixo a uma série de produções, tôdas similares, é um obstáculo quási insuperável à criação artística.

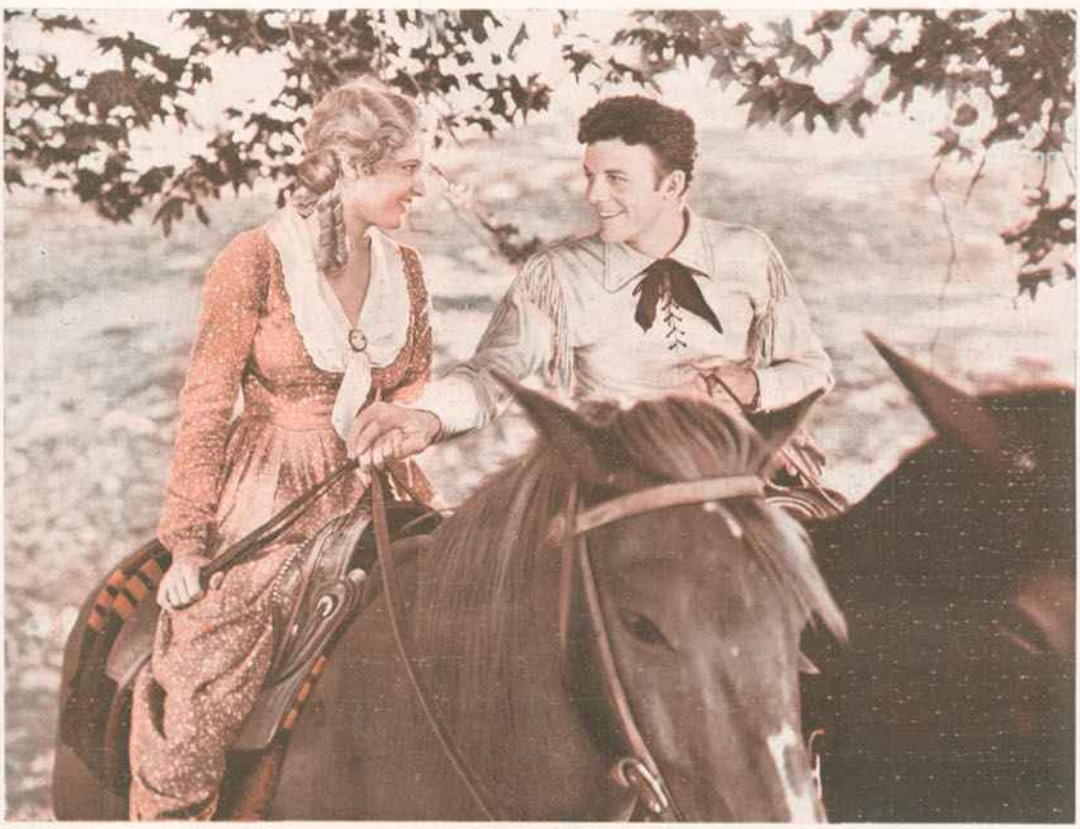
Pode dizer-se que é êste sistema ilógico, cuja paternidade deve ser atribuída aos americanos, e a estandardização levada ao paroxismo, que mais têm contribuído para a decadência artística da cinematografia. Contra êsses males têm-se inutilizado, inglòriamente, artista de talento, atraídos a Hollywood de todos os pontos do globo. E quando alguma obra de maior merecimento acontece ser por lá produzida, tem-se mais a impressão duma evasão do artista, do que a consequência dos formidáveis meios de produção postos à sua disposição. Infelizmente, porém, essas evasões de artistas vão-se fazendo dia a dia mais raras.

Na Europa, a decadência da produção alemã não pode sofrer contestação. Lançada numa guerra de concorrência com a América, as melhores características da sua originalidade foram sacrificadas à estandardização. Desta resulta, por sua vez, uma mais completa subordinação do artista à indústria. Antigamente, os realizadores de mérito encontravam maior número de oportunidades necessárias para evidenciar as suas faculdades. A produção alemã caracterizava-se por uma originalidade vigorosa. Hoje, o artista é impiedosamente absorvido pela indústria.

O cinema francês, que com o aparecimento do sonoro conheceu uma fase de actividade importante, não contraria, também, o que dizemos. Quási todos os grandes realizadores franceses foram atraídos e desapareceram na voragem de Hollywood. Dos que restam, Tourjansky — que pode ser considerado artista francês — por exemplo, realiza *L'Aiglon*, em que o seu talento definha entre os moldes teatrais da peça. René Clair, esfusiante de graça, superficial, vai produzindo futilidades encantadoras, como *O Milhão*. Se aborda um tema mais profundo, como em *A nous la liberté*, recentemente estreado em Paris, fá-lo tìmidamente, como receoso de levar as ideias até às suas últimas consequências. Dotado dum talento invulgar, pode afirmar-se, contudo, ser êle um dos últimos, senão o último dos defensores do cinema francês.

É já sabido que tôdas as tentativas tendentes a fazer ressurgir o velho cinema nórdico, sob cuja fecunda inspiração nasceram quási tôdas as correntes do cinema mundial, têm sido inúteis. Os filmes como *A Legenda de Gosta Berling* e *Amo e Senhor*, não têm, por isso, sucessão.

Na Rússia, o cinema animado pelo sôpro da revolução, deu-nos, primeiro, obras extraordinárias, como o *Couraçado Potiemkine* e, mais tarde, já no período da reconstrução do país, êsse admirável filme, entre outros, que é *Linha Geral*. Esta febre de produção sofre agora, porém, um período de acalmia em que nada se anuncia digno de registo. Muitas devem ser ainda, no entanto, as surpresas que o cinema russo nos reserva.



Uma bela cena do filme de aventuras «Battling with Buffalo Bill»

A decadência artística do cinema parece-nos, pois, suficientemente demonstrada. Aos sistemas americanos de industrialização pode ser atribuída esta crise. E o remédio para ela estará encontrado no dia em que o bom gôsto de todo o mundo se revoltra contra a odiosa tirania de Hollywood, que, juntamente com os seus filmes, vai exportando os seus medíocres critérios artísticos.

Nesse dia, uma das causas primárias da decadência terá encontrado a sua solução. Hollywood deixará em paz os artistas de todo o mundo, perdidas que sejam as suas esperanças de manter a hegemonia sôbre os *écrans*. Êstes, por sua vez, poderão trabalhar com o máximo proveito para a arte, livres da tentação dos dólares e longe da tirania dos estreitos critérios artísticos de Hollywood.

007 — «UM PASSEIO AO CABO DA ROCA» *(Foto do sr. José Carlos Santos Simões — Lisboa)*

008 — COLARES — «QUANDO A SÊDE É MUITA...» *(Foto do sr. José Carlos Santos Simões — Lisboa)*

009 — COLARES — «DESCANSANDO...» *(Foto do sr. José Carlos Simões — Lisboa)*

Concurso fotográfico entre amadores organizado pela "Ilustração"

Como já noticiámos, tôdas as provas que, pela sua perfeição, sejam dignas de reprodução, serão publicadas, mas quando não sejam flagrantes de movimento, essas provas só concorrem aos prémios da «sorte».

Indispensável é que essas fotografias nunca tenham sido publicadas e não sejam de tamanho inferior a 6×9 nem superior a 18×24. As fotografias que satisfaçam as condições do concurso serão reproduzidas com o seu número de ordem.

Prémios de originalidade e perfeição

1.º prémio — *Espléndido* **Cine-Kodak,** *oferta da* **Casa Kodak,** *sociedade cuja respeitabilidade e processos de trabalho a tornam justamente a mais importante e afamada do mundo.*

CINE KODAK — VALOR 1.720$00

2.º e 3.º prémios *para as duas fotografias imediatamente classificadas, também pela sua originalidade: êstes dois prémios são representados,* **cada um,** *por* **18 volumes das obras de Alexandre Herculano, encadernadas em percalina, no valor de 268$00.**

Prémios da "Sorte"

1.º prémio — Mil escudos, *para a fotografia cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com o grande prémio da lotaria de Santo António.*

011 — NAZARÉ — «SAÍDA DO BATEL» *(Foto do sr. Costa Pinto — Castelo de Vide)*

010 — *(Foto do sr. José Henrique Pinto — Porto)*

2.º prémio — *Um exemplar da* **História da Literatura Portuguesa,** *organizada por Albino Forjaz de Sampaio, edição luxuosa em papel couché, ricas gravuras e encadernação em pele,* **3 volumes, 570$00** — *para a fotografia cujo número seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com o 2.º prémio da mesma lotaria.*

3.º e 4.º prémios — *Para as fotografias cujos números sejam iguais aos três finais das aproximações ao grande prémio da mesma lotaria.*

A **cada,** *uma colecção da* **Antologia portuguesa,** *organizada pelo ilustre escritor Agostinho de Campos* — **24 volumes, encadernados, do valor de 384$00.**

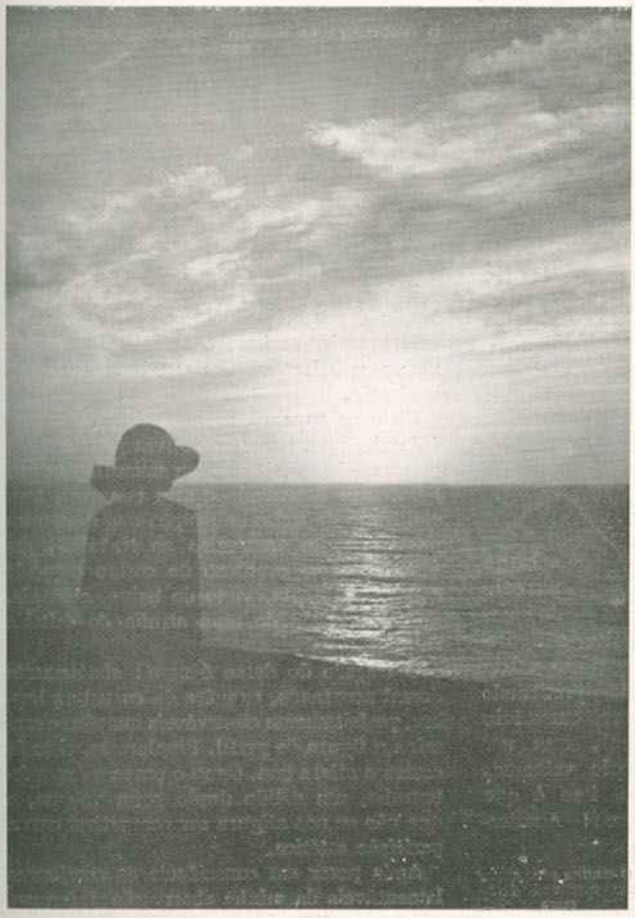
Mais 10 prémios

Mais 10 prémios *para as fotografias cujos dois números finais sejam iguais aos dois algarismos finais do número premiado com o 1.º prémio da grande lotaria de Santo António.*

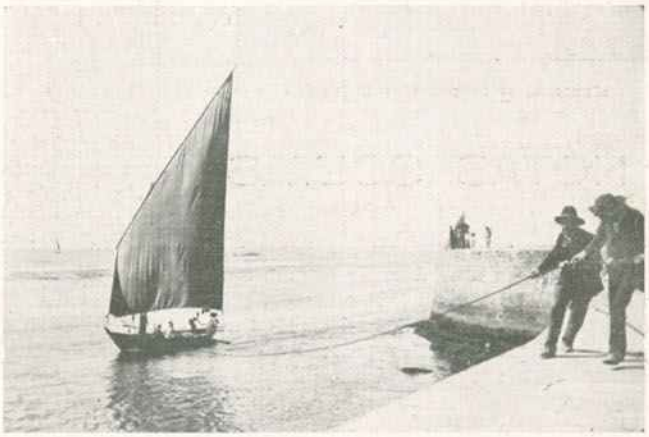
Êstes prémios são constituídos por **livros à escolha,** *das edições da* **Livraria Bertrand,** *de* **Lisboa,** *no valor de* **50 escudos para cada um.**

Assim, a Ilustração *facilita aos amadores fotográficos um meio de apresentarem os seus trabalhos e a possibilidade de alcançarem apreciáveis recompensas; e a todos os nossos leitores, que o não quiserem ou não puderem fazer, o ensejo — e é êste o caso do concurso presente — de admirarem boas fotografias com aspectos da nossa terra, paisagens, monumentos, costumes, etc., que virão a constituir um valioso subsídio para o documentário da vida nacional.*

012 — NAZARÉ — «No Forte, o pôr do sol» (Foto do sr. Costa Pinto — Castelo de Vide)

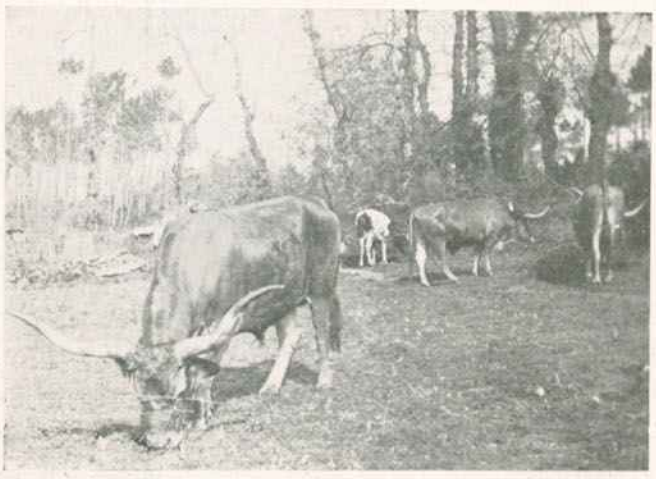


013 — (Foto do sr. José Henrique Pinto — Pôrto)



014 — (Foto do sr. José Henrique Pinto — Pôrto)

015 — (Foto do sr. José Henrique Pinto — Pôrto)



016 — (Foto do sr. José Henrique Pinto — Pôrto)

«CHEGADA», LINDA ESCULTURA DE RIVIÈRE

Sportos

NOTAS SOLTAS

JÁ em crónicas anteriores nos temos referido à estreita colaboração que dia a dia mais se afirma, em todo o mundo, entre o desporto e a arte, e da qual ambos tiram proveito: o primeiro sob o ponto de vista da propaganda e a segunda por um objectivo de dinâmica especial.

A base sôbre que assenta esta simbiose é a verdade; sem ela resulta falseado o fim proposto e, longe de proveito, desporto e arte mútuamente se prejudicam.

O artista, escolhendo para motivo das suas obras assuntos desportivos, deve procurar honestamente fixar atitudes vistas, embora se possa permitir a liberdade de as estilizar, visto que a arte não é uma cópia servil da natureza. Não pode, porém, permitir-se inventar gestos e posições que lhe pareçam originais e, sob o pretexto de fugir a imitação do tradicional, apresentar sob designações concretas obras fantasiosas e ridículas ao olhar do mais modesto conhecedor.

Exemplifiquemos: porque tôdas as estátuas de homens em marcha os figuram em posição crecta, não se admitiria que um escultor pretendesse inovar apresentando um indivíduo a caminhar de cócoras.

O mesmo no campo desportivo; ainda a nenhum passou pela cabeça elaborar uma figura de corredor ao pé coxinho.

Estes exemplos, apontados com o exagêro necessário para bem definir o meu critério, estabelecem os limites da verdadeira probidade artística.

Isto é tanto mais exacto quanto nos é fácil verificar que dentro da própria arte se tem manifestado uma evolução da forma acompanhando as alterações do estilo, resultantes do progresso técnico.

As mesmas coisas não se apresentam agora de idêntica maneira que há alguns séculos atrás; o artista, traduzindo na imobilidade estatuária um momento que o seu sentido estético colheu no movimento contínuo da vida, acompanha a evolução dessa vida. E porque os escultores de hoje não vêem o que observavam os mestres da velha Grécia, suas obras, coincidindo embora na inspiração, diferem em execução.

Comparemos os dois belos grupos de corredores atingindo a meta, que ilustram estas considerações e ressalta-nos de uma forma concreta o fundamento da teoria exposta.

Au but, do escultor Boucher, foi talhado nos moldes clássicos, enquanto *Uma chegada de 400 metros* de Guiraud-Rivière, é uma tradução perfeita da técnica moderna da chegada; ambas belas, porque ambas verdadeiras, dentro da sua interpretação própria.

Todos êstes considerandos pretendem conduzir-nos à crítica de uma figura há pouco inaugurada na Avenida da Liberdade, sob a designação de *Discobolo*, pela única razão do seu autor lhe haver, por capricho, metido um disco na mão direita.

O assunto foi já comentado em vários periódicos da especialidade mas, como a *Ilustração* foi a primeira publicação a criticá-lo, julgo-me no dever de encerrar o debate apreciando a obra sob o ponto de vista exclusivamente técnico para o qual me julgo competente.

Tenho a impressão que as intenções do escultor eram as melhores, mas o trabalho não correspondeu porque nestas coisas não basta a boa vontade.

Numa carta que li algures, intitulava-se êle desportista, não sei com que fundamento; peço licença para não acreditar, tanto mais que julgado pela sua produção nunca assistiu a um torneio de atletismo. Fêz obra de cor e, como era natural, saíu errada.

Levando mesmo em conta a larga parcela da liberdade artística, a figura poderá ser um atleta em acção, praticando qualquer exercício original, mas um discobolo valha-nos Deus, isso é que nunca! Analisemos. Tanto quanto se pode depreender, o atleta pretende ser focado no início da fase de projecção, terminada a evolução circulatória; mas, naquilo que ali está, não há um detalhe exacto.

O GRUPO «AU BUT», DO ESCULTOR BOUCHER

Para quem conheça um pouco de técnica do lançamento do disco, a escultura é um estafermo.

Errada a posição hirta da perna esquerda, errado o descolamento do calcanhar do mesmo lado; falsa a posição do tronco demasiado flectido à rectaguarda em relação ao grau de torsão, impedindo a distorsão helicoidal do último gesto; contrária a tôdas as regras a posição do disco, que é apresentado de face e não de gume no sentido do lançamento, bem como a forma como é seguro pela mão.

O «DISCÓBOLO» DA AVENIDA, FOCADO NO MÁXIMO DA DESELEGÂNCIA

Isto observando por alto, porque se descessemos a detalhes muito mais haveria que citar, desde uma intempestiva correia de amarrar o sapato, até à ausência total de máscara de esfôrço.

Fica assim provado que, como discobolo, aquilo é um crime de lesa-desporto; resta-nos apreciar se haverá ao menos na figura uma rara beleza estética que justifique a sua confecção.

Vista na generalidade a posição do homem é deselegante, choca-nos talvez porque a não compreendemos. Tem uma musculatura perfeita, bem desenhada e sem exageros, num equilíbrio de todos os grupos que demonstra um escrúpulo anatómico no trabalho; um único êrro no contôrno do ombro esquerdo que se apresenta, visto de baixo, achatado, dando a noção de uma atrofia do deltoide daquele lado.

O traçado do dorso é mau: abaúlamento dorsal acentuado, exagêro da curvatura lombar, perfeitamente observáveis quando se examina a figura de perfil. Finalmente, visto de costas o atleta tem, como o prova a nossa fotografia, um nítido duplo genu valgum, o que não se nos afigura ser compatível com a perfeição estética.

Após pesar em consciência as resultantes lamentáveis da minha observação, interrogo-

-me em vão na esperança de descobrir a regra que presidiu à sua escôlha para ornamentar, — melhor se diria desfear —, a principal artéria da cidade.

O *Discobolo*, o pseudo-*Discobolo* da Avenida da Liberdade, espantalho ridículo, ficará no seu poiso como um pelourinho a que amarraram o bom gôsto da comissão de arte da municipalidade.

O CAMPEÃO NACIONAL, GARNEL, NA MESMA POSE DO «DISCÓBOLO», MAS CORRECTA

*

Com a visinhança imediata do ano olimpico movimentaram-se, um pouco, por tôda a parte, os altos poderes desportivos.

Quási tôdas as nações quiseram terminar 1931 deixando já traçada uma directiva no que se refere às suas possibilidades olímpicas e meios de as pôr em prática.

De uma maneira geral pode afirmar-se que a crise financeira mundial influiu de uma forma decisiva nas soluções adoptadas, tôdas elas restrictamente económicas. A deslocação a Los Angeles é demasiado pesada para que de ânimo leve se ofereça como passeio recreativo a criaturas que, embora as primeiras na sua terra de cegos, ficariam a perder de vista entre homens de visão normal.

Da apreciação geral dos critérios escolhidos por essa Europa, deve concluir-se que a selecção olímpica será severissima e a participação, por isso mesmo, escassa.

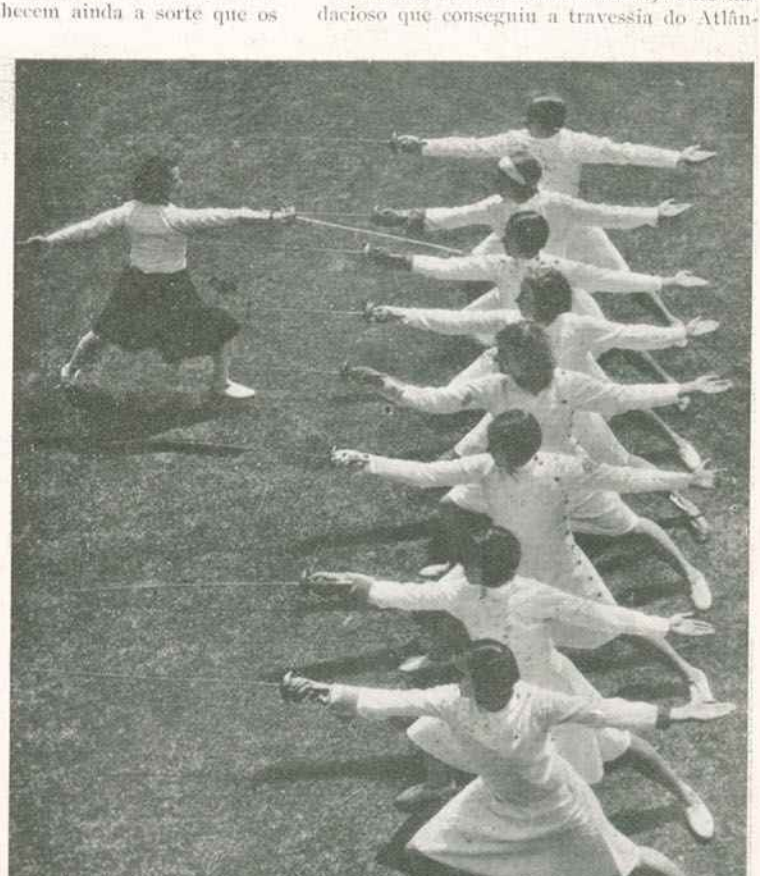
Quási todos os países tomaram como norma a deslocação exclusiva dos atletas com possibilidades de finalistas. Lendo nos jornais estrangeiros os comunicados referentes ao assunto, não se pode considerar sem um sorriso irónico as pretensões de certa crítica nacional, aquela que se insurgiu contra a demasiada severidade da tabela de minimos elaborada pela Federação Portuguesa de Atletismo, apodando-a de proïbitiva.

Pois a Suécia, cujo nivel atlético não sofre vislumbre de comparação com a nossa miséria, estabeleceu uma tabela tanto mais severa que em algumas provas, como os 100, os 200 e os 5.000 m., nem indicou minimos, declarando que naquelas especialidades não reconhece capacidade olímpica a qualquer dos corredores existentes.

Em França conseguiu o Comité Olímpico arrancar ao Parlamento uma subvenção de três milhões de francos, sôbre a qual elaborou já um esbôço de *equipe* representativa nas diversas modalidades olímpicas; no entanto as dificuldades surgem com o desejo manifestado pelos poderes públicos de exercerem uma fiscalização directa sôbre a aplicação da verba olímpica. As Federações conseguiram aplanar a primeira divergência, convencendo o ministro de que só elas possuíam competência técnica para seleccionar, mas agora aparece novo embaraço com a proïbição de desviar do fundo olímpico qualquer verba para efeitos de preparação nacional. Estamos convencidos que tudo se arranjará ainda, mas estas complicações provam quanto é perigosa a intervenção dos estadistas na gerência desportiva, dada a sua proverbial ignorância na matéria.

Os portugueses devem ser os únicos europeus que desconhecem ainda a sorte que os espera. Embora sejamos partidários de uma resumida representação, compatível com a nossa situação económica e com o nosso valor internacional na matéria, parece-nos que bom seria que alguém fôsse a Los Angeles.

Alguém praticante, é claro; pois segundo lemos num órgão da especialidade, está desde já assegurada a viágem do representante de Portugal no C. O. I. e do presidente e secretário do C. O. P., o que garante a nossa representação oratória e gastronómica...



AS ESGRIMISTAS ALEMÃS TREINANDO PARA LOS ANGELES

*

A escassez do espaço que nos é reservado para cada crónica, impediu-nos de concluir, no último número, a apreciação geral do movimento desportivo do ano findo.

Chegaram-nos as duas páginas apenas para o resumo dos acontecimentos nacionais, forçando-nos a deixar para hoje a súmula do passado no estrangeiro.

UMA LANÇADORA DE DISCO ITALIANA, EM POSE ELEGANTÍSSIMA

Para os nossos vizinhos acabou mal o ano, pois foram a Inglaterra receber uma severa lição.

Para o orgulho espanhol, deve ter sido doloroso o cheque, para o qual não há escusas atenuantes; a cinco minutos do início já Zamora fôra duas vezes buscar a bola ao fundo das suas rêdes e, até final, o domínio inglês foi constante. Os jornais afirmam que períodos houve em que os profissionais ingleses se limitavam a passar a bola uns aos outros, sem tentar maior numerário para o seu activo.

A aviação continuou marcando a sua marcha progressiva com novos *records* de passmar, desde os 657 quilómetros à hora do inglês Stainforth, até ao vôo Nova-York-Stamboul, realizado por Boardman e Polando.

Uma referência a Bert Hinckler, louco audacioso que conseguiu a travessia do Atlântico Sul do Brasil para África, só a bordo de um pequeno avião terrestre de 120 c. v.

A França conservou a Taça Davis, mas não se livrou de um susto.

A Áustria e a Hungria quási romperam as relações diplomáticas por causa de um turbulento desafio de football.

Os Estados Unidos da América preparam os próximos Jogos Olímpicos, dispostos a provar a fôrça de cada um em sua casa. E antecipadamente vão avisando que só recebem atletas sêcos...

A Rússia instituïu o desporto em arma do plano quinquenal, mas proïbiu a competição como contrária ao espírito igualitário do bolchevismo.

O Japão quere os Jogos Olímpicos de 1940. A Itália dedicou-se à importação oficial de jogadores sul-americanos e declara-os sem hesitações nacionais de pura raça.

E assim, por êsse mundo adiante, passa a febre do desporto...

J. Salazar Carreira.

ACTUALIDADES — OS BAILES DA QUINZENA

EM CIMA: Aspecto do animado baile com que, em 9 do corrente, o Club Náutico de Portugal comemorou, na vasta sala da Liga Naval, o seu aniversário. — NO MEIO: A festa tão «réveillon» efectuada, com extraordinário brilho, na Sociedade Nacional de Belas Artes. EM BAIXO: A assistência ao baile que, comemorando o seu 7.º aniversário, o Grupo Desportivo dos Treze realizou, em 9 do corrente, no salão do «Século».

...Vida Feminina

Há dias numa festa, observando as raparigas que dansavam, nas suas «toilettes» elegantes, compreendi o motivo porque os empresários do cinema em Hollywood e os costureiros elegantes, em Paris, começaram a aconselhar, uns às «stars» dos seus «studios», e outros às elegantes que vestem, que comessem um pouco mais, e que não recusassem um bom bife de vez em quando. A mulher moderna estava-se tornando num ente estranho, sem as mais pequenas formas, que indicassem o seu sexo. Estou convencida que qualquer rapaz de vinte anos, com um daqueles vestidos teria o mesmo aspecto.

E há quem chame áquilo corpos elegantes. A beleza, convençam-se ainda as mais modernistas, é clássica. É possível que a alguns degenerados pareça beleza um corpo esguio sem formas, com uns braços intermináveis e sêcos, com umas pernas de efebo, mas a verdadeira beleza feminina não é isso. As raparigas bem feitas, que têm ancas e peito têm vivido no tormento de se adelgaçarem, de se apertarem, de serem esguias como um rapaz de 17 anos, o que têm conseguido é enfraquecer e estragar a sua frescura e a sua mocidade. A mulher para ser bela tem de ser feminina, o seu corpo deve ter as linhas arredondadas da antiga estatuária grega. E é tão feio uma mulher com corpo de homem como um homem com formas femininas. Deixem ao homem a sua elegância e sejam femininamente belas. E as pobres raparigas que se julgam elegantíssimas por estarem reduzidas a cabides de vestidos, que façam um pouco de super-alimentação, que comam e façam uma vida higiénica, para que a mulher volte a ter a beleza do seu sexo. Êste ano em Paris um costureiro disse-me: «Dentro em pouco, as mulheres sem ancas, terão de as pôr postiças». Achei interessante a veracidade da sua afirmação ao observar que os mais elegantes vestidos das meninas extremamente magrinhas tinham volumosos laços a dar-lhes as formas que os seus seus corpos não têm.

É um feliz sintoma, que vai, certamente, acabar com o delírio da magreza, os jejuns, que prejudicam a saúde, a preocupação do pêso, e fazer-nos voltar a ver, frescas e floridas raparigas de uma beleza clássica, capazes de serem mães e de darem à pátria filhos fortes e saudáveis, o que certamente não poderão fazer certas elegantes de agora.

Maria de Eça.

A moda

A mulher verdadeiramente elegante não se ocupa só das suas *toilettes* de rua e de baile; os vestidos de interior interessam-na da mesma maneira e são por ela ainda mais cuidados. Damos hoje um lindo vestido de casa, criado por Callot, em renda côr de rosa, assente sôbre um *fourreau* de setim côr de carne; o corpo é seguro por alças também em renda, completado-o um mantelete em veludo rosa avermelhado guarnecido de uma estreita tira de pele de *visou*. A outra gravura representa um lindo casaco de peles *trois quarts*. Êste ano, a tendência é tôda para encurtar o casaco de peles.

No outono o «chic» era usar um pequeno casaco, agora que o frio tanto aperta triunfam ainda, sobretudo para a noite, os *trois quarts*. Heléne Robert, a gentil «star», usa, com tôda a sua graça, um elegante casaco em zibeline, *trois quarts*.

Maravilhas do Mundo

O palácio ducal de Mantua, conhecido em Itália pela «Reggia dei Gonzaga», é um dos mais belos, mais vastos e mais ricos de Itália depois do Vaticano. Tem uma área de 35 mil metros quadrados. É construido por sete edifícios principais, além de outros de importância secundária. Em frente tem uma bela praça. Êste palácio foi construido sôbre as ruinas do palácio de Adriano. É célebre o apartamento das arrazes, tecidas na Flandres, sôbre desenhos de Rafael, que a Austria levou para Viena durante a guerra da Independência e recentemente restituiu. São admiráveis os salões. A Sala dos Espelhos é uma festa de côres, com frescos de um ousadíssimo desenho de Lorenzo Costa; a sala dos Archeiros é obra de Bibbienna; a sala dos Esposos, com frescos de Andrea Mantegna, e, deliciosos, esplêndidos, os gabinetes de Isabel de Este, a formosíssima e célebre duquesa. Todo o espírito do século quinhentista está ali concentrado, como por encanto, num escrínio precioso. A poesia com Ariosto, Bembo e Poliziano, a pintura com Mantegna, Leobruno e Lorenzo Costa; a escultura com Gian Cristoforo Romano. E nunca mais se acaba de descrever êste palácio encantado de heróis, de fadas, de artistas e de santos, pois ali nasceu S. Luís Gonzaga. D'Annunzio, no seu maravilhoso romance «Forse che si, forse che no», tem uma bela descrição do palácio, que é um dos maiores encantos dêste livro, que não é para tôdas as idades, mas é um verdadeiro livro de Arte.

Penteados

CONTINUA a discussão dos penteados. Há os apologistas dos cabelos muito cortados, e aqueles que são por um pouco mais de comprimento no cabelo e de arte no penteado. Continua a luta. Mas a parisiense, juiz emérita em questões de elegância, continua também a mostrar a sua predilecção pelos cabelos um pouco mais longos e caprichosamente dispostos. Damos hoje três penteados que demonstram bem quais as tendências de momento da mulher elegante. Sem dúvida que o cabelo muito curto é mais prático e cómodo, mas deixemo-nos de fantasias, as mulheres serão sempre as mesmas, e nunca uma razão de comodidade fará vencer uma moda.

O seu capricho é tudo, e a maioria quanto mais tempo ocupa a enfeitar-se mais feliz se sente.

Livros de senhora

É rara a mulher que hoje não lê, e ainda há muitas senhoras que têm o bom senso de fazer uma escrupulosa escolha dos livros que dão a lêr a suas filhas. A essas senhoras recomendamos o interessante romance «Amores no campo». É sua autora a brilhante e conhecida escritora D. Sára Beirão, senhora de uma alta inteligência e de reconhecido talento, que para tornar interessantes os seus livros não vai buscar mórbidos enredos que deixam nas almas sãs uma impressão de tristeza, e nas que têm más tendências germens de um perigoso mal.

«Amores no campo» é um livro são e instrutivo, de uma suave emoção e com descrições encantadoras da Beira Alta e de vários pontos da Europa, sendo das mais felizes páginas as que nos descrevem com tanta verdade, Veneza, a rainha do Adriático. Sára Beirão nêste livro vincou mais profundamente o seu valor literário, escrevendo um livro de senhora e para senhoras, o que não quer dizer que não seja um livro que interesse também os homens. Um bom livro interessa a todos.

A casa

QUAL é a mulher que não tem entusiásmo pela casa e que não gosta de tornar elegante e «chic» o ambiente em que passa parte da sua vida, onde recebe os seus amigos? A questão muitas vezes está na dúvida como dispor os móveis, aproveitando com economia o que já há em casa.

Em Portugal há em quási tôdas as casas lindos móveis antigos, e há quem não saiba dispô-los de maneira a que não destôem numa sala moderna.

Numa das nossas gravuras mostramos o belo efeito de uma papeleira antiga numa sala bem moderna e de uma elegância da mais distinta simplicidade. Quem tiver a felicidade de possuir êsses lindos móveis pode inspirar-se na disposição dessa sala.

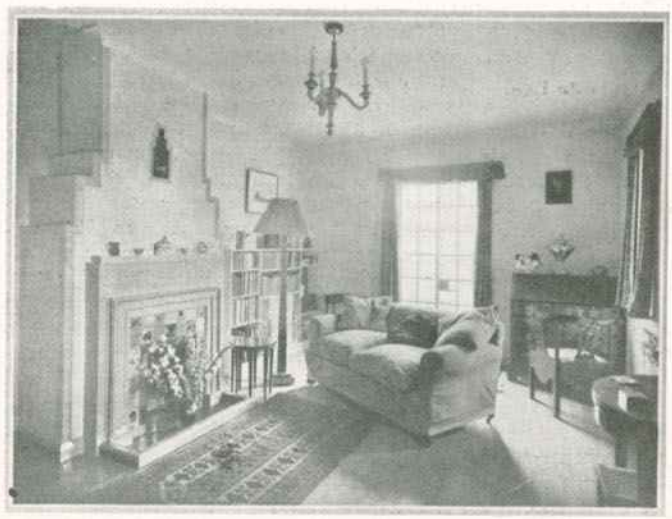
A estatura moderna

ALGUMAS estatísticas tendem a provar que a estatura das mulheres aumenta e que a figura feminina se torna sempre mais delgada e esbelta. Pregunta-se qual o motivo dêste misterioso fenómeno? Está provado que a mulher do século XX não poderia usar os sapatos e os vestidos de uma mulher do século XVIII.

D. SÁRA BEIRÃO

Tôdas as ilustrações românticas fazem ressaltar a rotundidade daquelas mulherzinhas, em geral, de pequena estatura. Mas, enquanto estas passavam todo o dia estendidas em cómodas cadeiras e saíam de cadeirinha ou berlinda, comendo suculentas refeições, as mulheres de hoje fazem muito exercício e comem pouco. Sabe-se que a gimnástica e o desporto praticados pelas jóvens, como hoje se faz, aumenta a estatura e torna esbeltos os membros. É certo que no tempo do primeiro Império a moda adaptava-se àquelas figurinhas graciosas de aspecto mais de bonecas do que de mulheres, enquanto que a mulher moderna não pode seguir certos caprichos da moda.

O vestido de cauda, que se está adoptando em sociedade, destôa, muitas vezes, quando usado por raparigas que por muitos anos se habituaram à simplicidade e à comodidade dos vestidos de *sport* para a rua, e dos vestidos ligeiros e curtos para as reüniões mundanas.



As viagens

HÁ cinqüenta anos, quando um corajoso mortal se aventurava a viajar num combóio, tinha de partir munido de um farnel bem provido, porque no combóio não se providenciava para saciar a fome dos passageiros e nem tôdas as estações ofereciam a comodidade de um restaurante; e, além disso, as viagens eram em geral muito demoradas. Foi o chefe de uma estação — os anais ferroviários não lhe conservaram o nome — um homem evidentemente cheio de iniciativa, quem teve primeiro a ideia de auxiliar os esfaimados viajantes.

Numa velha carruagem de passageiros, já armazenada, nasceu o primeiro vagon-restaurante, na linha de Berlim a Francfort. Algumas mesas, algumas cadeiras, alimentos fornecidos pelas estações, o vagon-restaurante de há cinqüenta anos era munido de tudo menos de... uma boa cozinha. Mais tarde, a cozinha foi instalada numa carruagem de mercadorias. O caso é que a iniciativa foi feliz e em breve tôdas as linhas principais dos caminhos de ferro alemães foram dotadas de vagons-restaurantes.

Hoje, a companhia dos vagons-restaurantes «Mittel Europa» dá de comer por dia a 50.000 pessoas em 250 vagons e consome uma média de 25.000 toalhas por dia.

Higiene e beleza

São muito freqüentes nas senhoras loiras umas manchas vermelhas na pele. Devem-se, em geral, a um desarranjo da pigmentação acentuado pelo ar quente e pelos raios solares. Oferecem grande resistência ao tratamento. Duas receitas damos para êsse mal: Clorato de soda, 3 gramas; borato de soda, 2 gramas; glicerina, 80 gramas; água de rosas, 170 gramas; álcool, 10 gramas. Pode ser usada pelas mais delicadas cútis. Receita mais enérgica: Sublimado, 0,30 gramas; solol, 0,10 gramas; essência de gerânio, 10 gôtas; álcool a 90°, 10 gramas; água de rosas, 100 gramas.

Não cedendo a êste tratamento tem de se recorrer ao tratamento eléctrico, de grande eficácia nos defeitos de pigmentação.

Trabalhos femininos

DAMOS hoje um modêlo de pano de mesa de jôgo muito interessante. O pano pode fazer-se no tecido que se quiser. Em pano ou em linho. Nos cantos colocam-se umas algibeiras bordadas, que servem para guardar as cartas, os tentos e tôdas as coisas de jôgo. Essas algibeiras, de que damos o desenho, devem ser bordadas em lãs das côres das cartas. Ficam muito bonitas quando se lhes junta um pouco de fio de ouro. Sendo em pano, o bordado em sêdas fica ainda mais fino e dá um aspecto mais rico ao trabalho. Mas é segundo a guarnição da sala a que é destinado que se lhe deve dar um aspecto mais simples ou luxuoso.

Receitas de cosinha

Bôlo de leite: — 150 gramas de manteiga, 2 ovos, 250 gramas de farinha, 150 gramas de açúcar, uma chávena de leite e uma colher de fermento inglês. Bate-se a manteiga com o açúcar até que esteja um créme muito macio. Deita-se um ovo inteiro e mexe-se muito, a seguir o outro e torna-se a mexer, depois o leite, e no fim a farinha, bate-se muito bem e vai numa fôrma untada de manteiga ao forno, que deve estar bem quente. É um bôlo delicioso, mas é preciso dar atenção e executar a receita sem modificações.

Pensamentos

Não há melhores conselhos do que os inspirados pelo amor materno.

SCHILLER.

Andar por fora muito ou pouco, mas a casa deve ser o fim da vida.

GOETHE.

Os vingativos esperam calmamente a sua hora.

SCHILLER.

De mulher para mulher

Mãi de bébé — *Pode e deve sair todos os dias com o seu filhinho. Nos dias frios, leva-o no carrinho, bem agasalhado. Como vive nas Avenidas Novas tem bem por onde o passear, e, levando-o no carrinho, obriga-se a andar a pé, o que para si é muito higiénico e saüdável também.*

Desconhecida — *Os sapatos devem ser sempre no tom do vestido. A não ser com os vestidos brancos ou pretos, com os quais se podem usar sapatos verdes ou encarnados, mas nêsse caso devem harmonizar com um colar, leque, ou com o pequeno casaco de abafo, que deve ser nessa côr.*

Maria da Luz — *O costume é ser a mãi do noivo que faz o pedido, mas em muitos casos é o próprio que faz o pedido. Na província é costume a noiva levar todo o enxoval, em Lisboa leva só o seu enxoval pessoal. Mas isso deve combinar com o seu noivo.*

Lilia — *As pessoas mais novas é que devem cumprimentar primeiro, assim como devem ter tôdas as atenções com os mais velhos, sejam senhoras ou homens.*

Arte na confeitaria

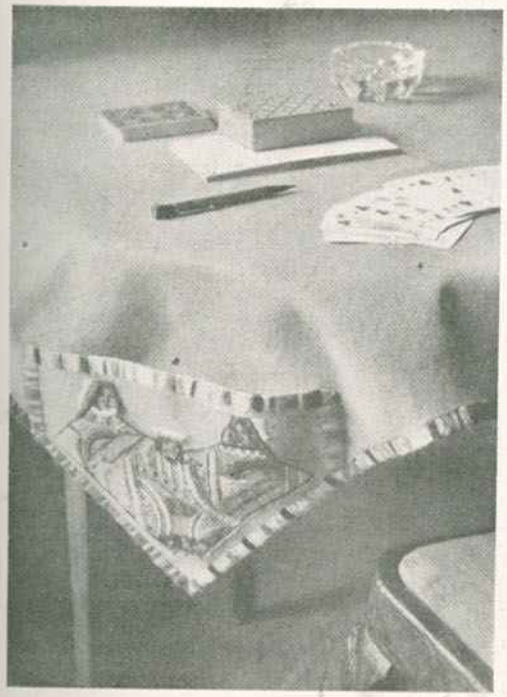
MUITAS senhoras gostam de ter na sua mesa bôlos caseiros, que pelo seu aspecto parecem vir da mais apurada confeitaria. Damos hoje a gravura de um lindo bôlo e facílimo de fazer. Corta-se um pão de ló ao meio. Põe-se-lhe uma farta barradela de creme. Depois batem-se claras com açúcar até ficarem consistentes e barra-se todo o bôlo com elas. Ficando muito unido e consistente, em seguida enfeita-se com amendoas torradas, que se colocam levemente sôbre a superfície do bôlo, podem juntar-se-lhes «pralinés», que dão sempre um belo efeito, e «pistache» muito picada. Um bôlo assim enfeitado é de uma bela guarnição numa mesa bem posta, e como vêem facílimo de fazer, sendo apenas preciso um pouco de paciência.

Conselhos úteis

Para limpar molduras douradas sujas emprega-se a seguinte mistura: Água de Javel, 20 gramas; clara de ovo, 20 gramas. Esfregar ligeiramente com esta mistura a madeira dourada e enxugá-la em seguida com uma boneca de algodão fino que se aplica levemente.

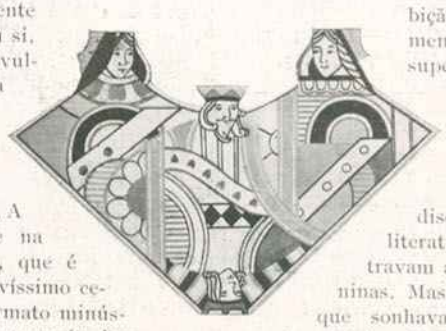
Para limpar os mármores desfazer 50 gramas de cloreto de cálcio em água e completar depois o volume de um litro. Juntar em seguida, mexendo sempre, uma quantidade de carbonato de cálcio do comércio suficiente para obter a consistência desejada e aplique a pasta assim obtida sôbre o mármore. Quando está sêca retira-se com um bocado de madeira talhada em forma de espátula.

Para tirar o verniz aos metais: Deve empregar-se uma mistura de álcool a 95° e amoníaco em partes iguais.



Phonomaton

O que é o phonomaton? O nome é mais imponente do que a coisa em si. Trata-se de uma vulgar máquina para aprender a voz humana sôbre um disco e reproduzi-la num vulgar gramofóne. A novidade consiste na matéria do disco, que é uma espécie de levíssimo celuloide, de um formato minúsculo, e também o que muito importa, de diminuto prêço. Uma grande emprêsa de Berlim abriu, com grande agrado do público, especialmente dos namorados, que naquela cidade são



imensos, uma loja de phonomaton; ali a noiva sentimental pronuncia diante do fiel microfóne palavras suaves e dôces, que o disco recolhe; dez minutos depois o disco está pronto, introduzido num envelope e é expedido, com uma simples franquia, ao amor que está longe.

Imagine-se êsse amor no momento em que aplica o disco ao gramofóne e ouve a dôce voz da amada ausente! E há quem diga que a nossa época é cinzenta sem poesia e falta de emoções!

O prêço da brincadeira é de um marco e cinqüenta, o equivalente a nove escudos actuais.

Não se pode dizer que seja pagar muito caro um tão grande prazer.

Luta feminina

HOUVE há pouco um campeonato de luta feminina em Paris. Cada combatente representava um país diferente. Havia uma robusta holandesa lutando com uma russa ágil e serpentínea. E uma suíça esmurrando uma creoula da Martinica. Depois de ter conquistado, sucessivamente, o tribunal, a biblioteca, as repartições públicas, a mulher apresenta-se agora no *ring* como gladiadora. Talvez que isso seja necessário para a igualdade dos sexos. Porém, ao assistir a esta luta onde a gentileza feminina acabava num «K. O.» pensava-se nas nossas avós, que rivalisavam entre si na preparação de delicados doces e conservas, pacientes e hábeis nos trabalhos de agulha, raínhas da casa, cujo emblema era um molho de chaves. Mulheres e mãis amantíssimas, que não tinham a ambição de ser iguais aos homens, contentando-se com a superioridade que dá a graça, a bondade, o espírito de sacrifício, a generosidade do coração. Houve as percursoras e os salões onde se discutia a poesia, a arte, a literatura, a política, demonstravam as novas aspirações femininas. Mas ainda as mais audazes, que sonhavam a independência, a igualdade, direitos, assistindo a êsse brutal e anti-estético espectáculo de luta, tão pouco feminino, teriam exclamado, desgostosas: «Não! Isso não é o que nós queríamos!»

Fim de festa

PODEM FAZER-SE AS NOVE VASAS AO BRIDGE?

(Problema)

Numa sala onde se jogava o bridge, a uma mesa estava o Andrade, tendo por parceira a D. Brites, e por adversários o Cunha e a D. Deolinda.

Depois de se terem jogado quatro lances de um determinado jôgo, encontrou-se o Andrade na situação abaixo indicada.

O trunfo era copas — o *Morto* é que era mão — e êle jogou o Az e o Rei de trunfo, dando, assim, lugar a que os adversários, com a Dama, fizessem uma das nove vasas.

— Não tem esperteza nenhuma o meu parceiro — exclamou a D. Brites, amargamente. — Não havia necessidade de deixar o Cunha fazer a sua Dama de trunfo. Você poderia ter feito tôdas as restantes vasas.

O Andrade, apoiado pelo Cunha e pela D. Deolinda, refutou calorosamente esta asserção, mas a D. Brites continuou a teimar na sua afirmativa, demonstrando a forma como se podia ter executado.

Para melhor esclarecimento da questão,

aqui estão os joges de cada um dos parceiros:

O Andrade:

Espadas — Az; *Copas* — Rei, 10, 9, 6, 3; *Ouros* — Nenhum; *Paus* — 7, 6, 5.

D. Brites *(Morto)*:

Espadas — Rei, Dama, Valete; *Copas* — Az, 8; *Ouros* — Az; *Paus* — Az, Rei, Dama.

D. Deolinda:

Espadas — 5, 3, 2; *Copas* — Valete, 4; *Ouros* — 2; *Paus* — 8, 4, 2.

O Cunha:

Espadas — Nenhuma; *Copas* — Dama, 5, 2; *Ouros* — 5, 3; *Paus* — Valete, 10, 9, 3.

O patrão — Domingos, vocemecê não limpou a minha cómoda esta manhã!...

Domingos, com um sorriso de dó:

— O patrão devia perceber, que êsse pó não é de hoje... basta olhar para a espessura dêle!...

Entre patrôa e criada em perspectiva:

— Carolina, tenha a preveni-la, antes de fazermos os nossos ajustes, que eu suporto tudo, menos que me contradigam.

— Tal e qual como eu! Havemos de nos entender perfeitamente, minha senhora.

ADIVINHOU

A visita, maçadora — Venho cá visitar a sua mamã, Heleninha.

Helena — Ah! sim; ela já a esperava.

A visita — Deveras! Mas como sabe isso?

Helena — Porque não está em casa, saiu.

PORQUE SÃO PRESENTES DE MAU AGOIRO, AS FACAS OU CANIVETES?

Nos tempos antigos existia apenas uma espécie de faca — o punhal — que servia para o combate, para a mesa e para todos os outros efeitos em que se tornava necessário um instrumento cortante.

Nêsses tempos, apresentar uma faca a um homem era uma forma de o desafiar para um duelo. O mau agoiro assim ligado à ideia da faca, fêz nascer a crença de que a dádiva de um objecto dêstes (quem diz faca, diz navalha ou canivete) cortaria a amizade entre aquele que a dá e aquele que a recebe. É para evitar êste perigo que pessoas supersticiosas, quando um presente desta natureza lhes é oferecido, o «compram» ou «retribuem» com uma pequena moeda de pouco valor.

CURA PELA SUGESTÃO

A mulher — Ó João, acorda, estou convencida de que está um rato no quarto!

O marido, estremunhado — Então convence-te de que também cá está um gato e dorme, anda!

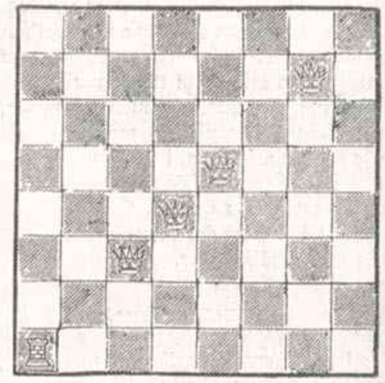
A ALDEÃ, DE VISTA CURTA *(para o aviador caído sôbre a árvore)*:

— NÃO TEM VERGONHA?! UM RAPAZ DÊSSE TAMANHO A ROUBAR OS NINHOS DOS POBRES PASSARINHOS!

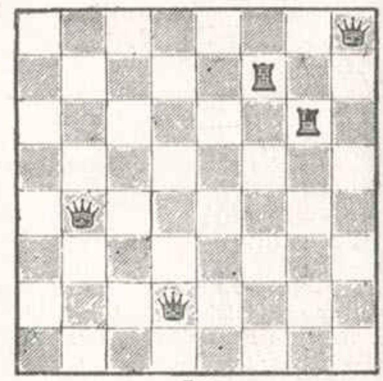
(Do Sidney Bulletin)

PROBLEMAS DE XADREZ

(Soluções)



I



II

Na figura I está a solução do primeiro problema, que consistia em pôr em cheque tôdas as casas do tabuleiro com o emprêgo de quatro *rainhas* e de uma *tôrre*. Na fig. II está a solução do segundo problema, que consistia em obter o mesmo resultado com o emprêgo de três *rainhas* e de duas *tôrres*.

Entre devedor e credor:

— A sua conduta é a de um homem, que não tem sombra de vergonha!

— Não diga tal. É a de um homem, que não tem sombra de dinheiro!

Entre amigos íntimos:

— O Rodolfo está sempre a elogiar o meu rosto, e entre outras coisas chama-lhe *clássico*. Clássico, o que significa?

— Clássico, quer dizer antigo.

— O senhor nunca tem zangas com sua mulher?

— Não, senhor.

— Não se aborrece, nem tem sensaborias com os seus criados?

— Não, senhor.

— Não se apoquenta com as impertinências nem com as doenças de seus filhos?

— Não, senhor.

— Mas que homem tão excepcional! Gostava de saber como pode ser assim.

— Muito simplesmente: sou solteiro, e vivo sòzinho.

Porque está na berlinda?

Lembramos aos nossos leitores que, de acôrdo com o que noticiámos no nosso n.º 8 (143), de 1 de Dezembro findo, o prazo para a entrada, na nossa redacção, das respostas a êste jôgo de prendas terminará em 31 do mês corrente.

Um dos melhores livros para crianças ùltimamente publicados é

O Pretinho de Angola

POR

CÉSAR DE FRIAS

Nos sete formosos capítulos dêste 32.º volume da **Biblioteca dos Pequeninos** conta-se a história comovedora do mais simpático pretinho estudioso.

Sugestivas ilustrações de Ilberino dos Santos

Preço: 5$00

A' venda na Filial do *Diário de Notícias*, **Largo de Trindade Coelho, 10 e 11,** e em todas as livrarias

Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro	15$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradução de Lopes de Sousa	3$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira	3$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores	7$50
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro	3$00
Ele e Eu por Augusto Pinto	5$00
Fumo dos Casais por D.ª Maria da Nobrega	10$00
Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins	3$00
Matou por Amor (A que) por D. Emília de Sousa Costa	3$00
Minha Mulher por W. Fernandes Flores	3$00
Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório	8$00
Noite de Núpcias por Lourenço Cayola	3$00
Ruínas por D. Helena de Aragão	8$00
Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão	8$00
Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro	10$00

À venda na filial do DIÁRIO DE NOTÍCIAS

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11

A. L. de Sousa, L.da

A cinzeladura das pratas é uma das nossas glórias artísticas, e, desde antigos tempos, que os portugueses são considerados como notàvelmente propensos a esta arte, onde os nossos lavrantes produziram obras que hoje honram os Museus, confundindo-se algumas com as mais apuradas peças inglesas e francesas.

A inconsignância, a volubilidade e a riqueza da vida moderna, exigindo a industrialização do trabalho dos prateiros, perturbaram a linha progressiva da sua obra, e só recentemente a admirável persistência e o espírito de artistas de alguns cinzeladores, reagindo contra o abastardamento da arte, lograram obrigar o público a olhar com desprêso para a fancaria industrial e atentar, novamente enlevado, nos produtos de pura arte.

O público foi educado assim. À frente dêsse movimento rejuvenescedor encontra-se a casa A. L. de Sousa, Ltd.ª. A inteligente interpretação que faz dos antigos motivos decorativos, a adaptação dêles, sem quebra de harmonia, nem de pureza de linhas, aos objectos de carácter moderno criados pela civilização, o lançar constante de novos modelos e de novas estilizações, deram a esta casa um lugar único. As montras da casa, hoje dirigida por Angélico de Sousa, filho do grande Augusto de Sousa, seu fundador, tem um segrêdo atrator para todo o público, da maior à mais modesta cultura. A uns interessa pela pura execução, pelo delicado da cinzeladura, pelo justo equilíbrio decorativo; a outros pela novidade, pela surprêsa, pelo inéditismo das peças.

A casa A. L. de Sousa, Ltd.ª, na rua do Mundo, 16 e 18, não dormindo sôbre os seus assinalados êxitos nas recentes exposições de Sevilha e de Barcelona, raro é a estação que não lança uma peça de novo modêlo, um objecto prático alindado pelo seu gôsto admirável torna agradáveis e atraentes as formas menos propícias às linhas elegantes. Há decorações iniludìvelmente suas, tão cheias de particularismo que equivalem a uma marca.

O êxito da sua já vasta obra mede-se pelo esfôrço dispendido. Justificam-se e equilibram-se.

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 LISBOA

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR-DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS

DESENHOS ESCOLHIDOS POR MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes illustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e côres sobre papel couché.

Cart. 40$00; br. 30$00

PEDIDOS À

S. E. Portugal-Brasil

Rua da Condessa, 80

LISBOA

A SAIR BREVEMENTE:

ANTERO DE FIGUEIREDO

TOLEDO

— Impressões e Evocações —

Edição da

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIAS
PORTUGUESA E BRASILEIRA

Verdadeiro tesouro da língua e literatura portuguesa e brasileira, esta colecção destina-se a tornar fàcilmente conhecidos e estimados os melhores prosadores e poetas portugueses e brasileiros, antigos, modernos e contemporâneos. Tôdas as obsoletas modalidades de ortografia, pontuação, disposição tipográfica, etc., que tornam difícil ao comum do público a leitura dos clássicos mais antigos, são alteradas e modernizadas com cuidado, dando-se quanto possível a esta importante biblioteca um aspecto material moderno e convidativo.

Com intuito de simplificação e vulgarização, excluiu-se o texto que tornava pesada a sua leitura: citações de fontes, longas e difíceis transcrições latinas e passos de conteúdo literário menos interessante, etc., etc. E para que os volumes possam ser admitidos sem escrúpulo nas famílias, serão crivados e arredados, na escôlha feita, os termos ou textos considerados impróprios.

As Antologias recomendam-se especialmente:

Às *Famílias* cuidadosas da boa educação literária de seus filhos;

Às *Escolas*, necessitadas de textos para a leitura doméstica, e comentário nas aulas de língua, história e literatura nacionais;

Aos *Moços Poetas e Prosadores*, que assim encontrarão à mão os melhores modelos, guias e mestres;

Aos *Estrangeiros* estudiosos da língua e dos génios literários, a quem se oferece uma ampla e acessível vista de conjunto sôbre êste vasto campo;

A todos aqueles que, desejosos de completar a sua educação geral, com justa razão se queixam de que o tesoiro da literatura portuguesa e brasileira jaz enterrado, ou na raridade e alto custo das edições antigas não refeitas, ou na vastidão da obra de tantos escritores, ou no carácter erudito de algumas das modernas edições.

Estas colecções têm encadernação própria, ao preço de . . . . . 4$00

ANTOLOGIA PORTUGUESA

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo **Dr. Agostinho de Campos**

JÁ PUBLICADOS:

Afonso Lopes Vieira (1 vol.)
Alexandre Herculano (1 vol.)
Antero de Figueiredo (1 vol.)
Augusto Gil (1 vol.)
Camões lírico (4 vols.)
Eça de Queirós (2 vols.)
Fernão Lopes (3 vols.)
Frei Luís de Sousa (1 vol.)
Guerra Junqueiro (1 vol.)
João de Barros (1 vol.)
Lucena (2 vols.)
Manuel Bernardes (2 vols.)
Paladinos da linguagem (3 vols.)
Trancoso (1 vol.)

Estes volumes são do formato 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado . . . . . 12$00

ANTOLOGIA BRASILEIRA

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo **Dr. Afrânio Peixoto**

JÁ PUBLICADOS:

Castro Alves (1 vol.) — **José Bonifácio** (1 vol.) — **Vieira Brasileiro** (2 vols.)

ASSINATURAS — Similarmente ao que estabelecemos para a *História de Portugal*, por Alexandre Herculano, facultamos a aquisição das *Antologias*, Portuguesa e Brasileira, por assinatura, sendo a remessa dos seus volumes feita em períodos semanais, quinzenais ou mensais, conforme o sr. assinante quiser e no-lo determinar no seu pedido. Assim adquirirá êle esta obra notabilíssima, cuja presença por si só honra uma biblioteca, nas condições mais favoráveis a pouco e pouco e sem qualquer encargo pesado.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada vol. em br. ..... 12$00
» » » — Encadernado em percalina, com ferros especiais e letras a ouro ..... 16$00
COLÓNIAS PORTUGUESAS — Pagamento adiantado — Incluindo despesas de correio e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas

Para assinar esta obra basta, num bilhete postal, requerê-lo aos editores

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravuras, cartonado . . . . . **10$00**
Encadernado luxuosamente . . . . . **18$00**

33.º — ANO — 1932

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR

VOLUME BROCHADO **Esc. 7$00**

P. B.

VOLUME ENCADERNADO **Esc. 12$00**

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas sòmente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Raínha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS Á S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

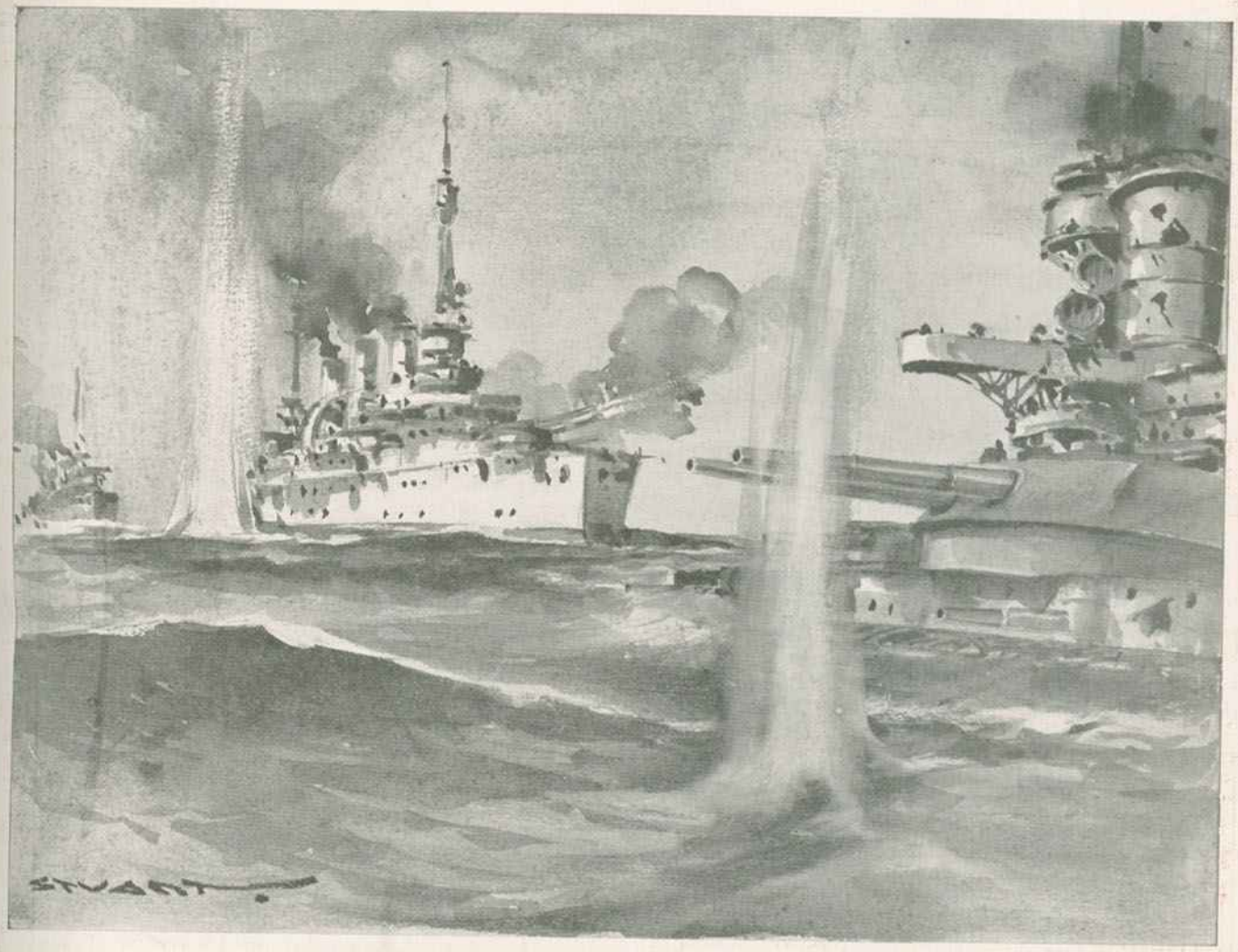
Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



OS GRILHETAS DO KAISER

por THEODORE PLIVIER

Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

A epopeia trágica da esquadra alemã e a sua destruição

A obra máxima sobre a guerra europeia

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as línguas, suplantou em exito o celebre **"Nada de Novo na Frente Ocidental"**. Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessôas**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A Lubrificação racional do chassis

Durante os últimos dez anos os automóveis sofreram importantes modificações.

Estas modificações reflectiram-se nas caixas de velocidades e nos diferenciais, que necessitam duma lubrificação muito cuidadosa a-fim-de poderem funcionar satisfatóriamente nas condições actuais.

Depois de longas investigações a VACUUM OIL COMPANY colocou no mercado GARGOYLE MOBILGREASE que é considerado um lubrificante ideal, não só para as transmissões e diferenciais como também para a lubrificação geral das peças do chassis.

GARGOYLE MOBILGREASE é um produto inteiramente distinto das massas vulgares para chassis.

Queira V. Ex.ª consultar a nossa Tabela de Recomendações que lhe indicará os tipos de lubrificantes perfeitamente adequados ao seu carro.

Enviaremos a V. Ex.ª, logo que no-lo requisite, o folheto "Como Cuidar do Seu Carro„ (edição 1931) no qual está incluida a Tabela de Recomendações Gargoyle.

GARGOYLE

Mobilgrease

Vacuum Oil Company, Inc.

1023